

Edição do
BICENTENÁRIO
DA INDEPENDÊNCIA
1822 - 2022



SOMNIUM 120

Somnium é uma publicação oficial do CLFC - Clube dos Leitores de Ficção Científica

Clássicos da FCB
**Para Nunca
Mais Ter Medo**
de Fábio Fernandes

Finalistas do
Prêmio Argos 2022

Outros Contos
**Gerson Lodi-Ribeiro
Rubens Angelo
Silvio Ribeiro**

Artigo
Retrofuturismo à brasileira
por Caroline Libar

Editorial

por Luiz Felipe Vasques

Somnium 120, hein?

É uma responsabilidade. Chegamos, aos trancos e barrancos, a 120 edições desde aqueles distantes meados dos anos 1980, quando foi lançada como o “boletim do Clube de Leitores de FC”. Infelizmente não foi uma obra constante como pretendíamos, mas esse é o perigo na natureza de toda obra voluntária: lembrete de que a boa vontade e a paixão – especialmente as alheias – jamais devem ser tomadas como garantidas. Mas o importante não é sobre cair, mas sobre se reerguer. Este ano, após uma ótima temporada com Marcelo Bighetti nas carrapetas editoriais, a quem sempre agradeceremos seu desempenho, assumimos logo na edição 120. Prevista para o segundo semestre deste 2022, sentimos ser um desperdício não fazer dela uma edição temática sobre o Bicentenário da Independência do Brasil. Nesta edição, portanto, serão encontrados tanto os contos *A Voz do Brasil*, de Rubens Angelo, como *Vimos em Paz*, de Sílvio Ribeiro; e celebrando a FCB escrita em tempos passados, o conto de 2007 de ninguém menos que Fábio Fernandes, *Para Nunca Mais Ter Medo*, com artigo introdutório de Eduardo Torres sobre este conto ser o marco introdutório da Ficção Alternativa no Brasil. Acompanha ainda o artigo de Caroline Libar, tesoureira do CLFC na gestão atual, intitulado *Retrofuturismo à Brasileira* – e também temos a companhia sempre que nos é muito cara de Gerson Lodi-Ribeiro. Fechamos a edição com os finalistas do Prêmio Argos 2022. Sem mais delongas, eis a #120. Que possamos nos reerguer sempre altivos e fortes, não interessando o quão duro foram nossas quedas: inclusive, mais sobre isso dia 1o. de Janeiro.

Rio de Janeiro, 20/12/2022

Luiz Felipe Vasques

EXPEDIENTE

SOMNIUM 120 - Dezembro de 2022

Editores: Eduardo Torres, Gerson Lodi-Ribeiro, Luiz Felipe Vasques, Rubens Angelo; **diagramação:** Sid Castro; **capa:** *Fantasy Biomechanical*. *Uso gratuito sob a licença Pixabay.*

CLFC Diretoria 2021/2023

Chapa ARGONAUTAS - PRESIDENTE: Luiz Felipe Vasques Fernandes Guedes; **SECRETÁRIO:** Sidemar Vicente de Castro; **TESOUREIRA:** Bruna Caroline dos Santos

Edição 120: Apresentação

por Rubens Angelo

Antes de mais nada, é importante dizer que esta edição da Somnium é a prova do amor e do comprometimento dos membros do CLFC para com o fandom. A ideia desse número era celebrar a própria existência (e persistência) da revista, lembrando as razões que tornaram essa publicação tão importante para o Brasil. Para tanto, resgatamos uma obra clássica da ficção científica brasileira, um conto de Fábio Fernandes que exemplifica a criatividade e a visão muito particular que a produção nacional pode ter. Para além da visão do futuro e dos avanços tecnológicos, Fernandes ressignifica a mitologia de Frankenstein e deixa de lado o “monstro” para dar foco ao incrível processo de “ressurreição” que o gera. Isso sim é “pensar fora da caixa” e o resgate desse conto não poderia vir em melhor hora — um momento em que tantos autores se dedicam apenas às fanfics e derivações de obras estrangeiras. Além do importante resgate histórico, esta edição trás ainda outro “medalhão” da ficção científica nacional, Gerson Lodi-Ribeiro, em um conto inédito que nos leva para um futuro bem distante, mas que nos mostra também problemas tão familiares e atuais, como a intervenção em outras culturas e o crescimento populacional desenfreado — neste ano de 2022 atingimos a surpreendente marca de 8 bilhões de pessoas em nosso pálido ponto azul! O terceiro conto, também inédito, foi criado especialmente para essa edição do bicentenário da independência do Brasil e escrito por este que vos fala (um humilde iniciante da escrita). Por trás das muitas sequências de ação da trama — porque é uma aventura — há uma reflexão sobre identidade nacional e a importância do senso de comunidade, algo um tanto perdido nos dias atuais, em que o individualismo é tão exacerbado. O último conto veio das mãos habilidosas de Silvio Ribeiro, grande mestre dos quadrinhos nacionais e também um criador de histórias de mão cheia. Sua narrativa não poderia ser mais apropriada para essa edição do bicentenário pois nos faz lembrar, pelo olhar de alienígenas que sofrem um processo forçado de colonização, da própria história tortuosa que levou à formação do nosso Brasil. Por fim, mas não menos importante, Caroline Libar, autora e expert na temática steampunk, nos mostra como esse gênero literário destacou-se da ficção científica tradicional e conquistou sua identidade e autonomia, com suas características e fandom próprios. A edição que tem em mãos foi um presente para todos que participaram de sua elaboração. Espero que seja também um presente para você. Boa leitura.

Clássicos da FCB Para Nunca Mais ter Medo

de Fábio Fernandes

Introdução

O primeiro conto brasileiro de Ficção Alternativa

Eduardo Torres



A partir desse número, o Somnium inicia uma nova seção, onde será republicado a cada edição um conto importante para a História da FCB e/ou do CLFC que não tenha sido publicado há algum tempo. Inaugurando a série, foi escolhido “Para Nunca Mais Ter Medo”, de Fábio Fernandes, que saiu originalmente na revista Dragão Brasil em 1995 e foi disponibilizado ao público uma única vez desde então, no site Overmundo em 2007. Esse conto, que descreve o que poderia acontecer se o método de ressurreição criado por Victor Frankenstein fosse adotado para uso cotidiano pela humanidade, tem dupla importância: É considerado consensualmente como o primeiro conto brasileiro de Ficção Alternativa e marca a estréia profissional de Fábio Fernandes, que viria a se tornar um dos mais

respeitados escritores brasileiros de Ficção Científica e do Gênero Fantástico, e referência dentro da chamada Segunda Onda da FCB.

A Ficção Alternativa é um subgênero do Fantástico (também a rigor também existente na literatura realista, embora em geral sem essa classificação) ao mesmo tempo novo e antigo. Mas o que é exatamente a FA? É quando um autor se apropria de obras e personagens ficcionais de outro escritor e lhes dá outro destino ou cria continuações não pensadas, ou pelo menos não publicadas, pelo criador original. Não deve ser confundida com História Alternativa, que é uma narrativa com base num ponto de divergência ficcional na História real, produzindo uma linha histórica diferente. A confusão ocorre talvez porque frequentemente obras do Gênero Fantástico, notadamente do subgênero Steampunk ou Dieselpunk, misturam figuras históricas com personagens ficcionais, mas a FA tem identidade própria.

A FA antecede em muito essa expressão, adotada somente a partir dos anos 70 do século passado, e parece que ainda não inteiramente pacífica nos meios, digamos, “acadêmicos” da FC internacional. Talvez um dos primeiros exemplos de FA “avant la lettre” tenha sido “Les Dossiers Secrets de Sherlock Holmes”, publicados como folhetins na França entre 1907 e 1908, por sua vez traduzidos por um certo Fernand Laven a partir de uma FA anterior publicada na Alemanha, de autoria dos hoje desconhecidos Kurt Matull e Theo von Blankensee. Detalhe que Arthur Conan Doyle ainda estava vivo na época (só nos deixaria em 1930).

O que nos traz ao reconhecimento dessa alentada restrição que autores de FA têm que enfrentar: a questão dos direitos autorais. No início do século e em países periféricos essa questão podia ser negligenciada, mas, pelo menos desde o fim da Segunda Guerra, esse tipo de “flexibilidade da propriedade intelectual” acabou em termos editoriais. Esse é o motivo pelo qual a vasta maioria, se não a totalidade das publicações de FA “après la lettre” versam sobre personagens e publicações em domínio público, como o Capitão Nemo ou Phileas Fogg de Júlio Verne, Drácula de Bram Stoker, Frankenstein de Mary Shelley e outros sobre os quais se pode publicar livremente.

Uma obra considerada seminal da FA, praticamente



inaugurando o subgênero no sentido contemporâneo, foi “O Outro Diário de Phileas Fogg”, de Philip José Farmer, publicado em 1973, no qual Farmer conta a “verdadeira história” por trás da “volta ao mundo em oitenta dias”. Nessa FA Farmer incluiu alienígenas e fez um crossover de Verne com Doyle, trazendo Sherlock Holmes e James Moriarty para dentro da história. Ninguém soube como classificar o novo subgênero, que foi na época descrito como Steampunk ou “Parallel Novel”. O rótulo FA veio depois. No mesmo ano Brian Aldiss publica “Frankenstein Unbound”, no qual um viajante do tempo sai dos EUA de 2020 (!) para a Suíça de 1816, onde se encontra com Victor Frankenstein (na época esse romance foi chamado de “tributo a Mary Shelley” e só depois foi reconhecido como um dos pioneiros da FA).

Farmer e Aldiss foram logo seguido por Fred Saberhagen, que em 1975 publicou “The Dracula Tape”, escrito como uma suposta transcrição de uma fita gravada por Drácula nos anos 70, onde o vampiro, tal como o Fogg alternativo de Farmer, conta sua “verdadeira” história, diferente da contada por Stocker. Saberhagen também recria nesse romance a estrutura epistolar da obra original. Em 1992, dezessete anos depois da FA draculiana de Saberhagen, Kim Newmann publicaria o seu famoso “Anno Dracula”, que conta como o conde foi bem sucedido em seu plano de dominar a Inglaterra vitoriana a ponto de se casar com a Rainha Vitória e controlar o Império Britânico. Em 1999 Alan Moore e Kevin O’Neill publicam a HQ “A Liga dos Cavaleiros Extraordinários”, que conseguiu juntar o Capitão Nemo de Verne, Allan Quatermain de Haggard, Dr. Jekyll de Stevenson e Hawley Griffin (o Homem Invisível de H.G. Wells) na mesma história! A FA veio para ficar. Hoje são inúmeras as publicações internacionais desse subgênero, dos mais instigantes do Fantástico, com incursões realistas.

E no Brasil? Nosso país também teve obras - até populares - no passado, que hoje poderiam ser tranquilamente classificadas como FA. Seu autor? Monteiro Lobato, que não deixou questões menores como direitos autorais e propriedade intelectual impedirem a publicação em 1928 do seu “O Gato Félix”, no qual conta como um gato brasileiro esperto se passa pelo famoso personagem criado por Pat Sullivan para enganar o pessoal do Sítio do Picapau Amarelo e se dar bem comendo os pintinhos do galinheiro. Essa noveleta fez tanto sucesso que Lobato a incluiu depois como um capítulo de “Reinações de Narizinho”, publicado em 1931 (onde também aparecem Cinderela, Branca de Neve e o Pequeno Polegar). Em “Memórias da Emília” de 1936 Lobato amplia o leque de suas FAs para incluir o Capitão Gancho e Peter Pan de Barrie e o Marinheiro Popeye de Segar, com os dois interagindo com o Saci Pererê e os personagens do Sítio. Mas, depois das ousadias lobatianas dos anos 20 e 30 do século passado, parece que ninguém mais quis trilhar esse terreno. Até “Para Nunca Mais Ter Medo” em 1995.

É oportuno registrar que, na ocasião, o conto não foi

associado à FA. O subgênero parecia ainda não muito “absorvido” no Brasil. A revista no qual foi publicado tinha um público mais focado em RPGs, embora costumasse publicar textos de FC, muitas vezes de novos autores. O conto foi elogiado em alguns círculos, mas eram tempos pré-internéticos, nos quais a palavra não se espalhava tão facilmente como hoje.

Pouco ainda se falava sobre FA no Brasil até a publicação de “A Mão que Cria” de Octavio Aragão em 2006, que era FA até a medula. Na época (2007) houve um debate interessante nas listas do CLFC no Yahoogroups (hoje abrigadas no Google Groups) envolvendo FA, estimulado por esse lançamento. Muitos acharam que esse romance seria a primeira obra brasileira de FA. Lobato foi mencionado, claro, mas como da fase pré-histórica da FA nacional. Aí alguém (confesso que não me lembro quem) citou esse conto do Fábio, que então já tinha doze anos de publicado. Poucos o haviam lido. Eu, nunca. Ninguém tinha aquela edição da revista Dragão Brasil. Deu-se um impasse. Aí eu resolvi contactar o autor. Lembro que Fábio, que me respondeu com fidalga atenção, pareceu algo surpreso, mas contente, com o novo interesse pelo seu conto de antanho, e gostou de se ver reconhecido como o pioneiro da FA nacional pós-lobatiana. Após um certo trabalho arqueológico para localizar o arquivo, prontamente o disponibilizou para os sócios e membros das listas do CLFC. Na verdade, esse debate no CLFC o estimulou a promover uma segunda publicação de seu conto, dessa vez virtual, no citado site Overmundo, para livre download. Eu, por meu lado, fiquei feliz em ver o CLFC participando e incentivando esse resgate. Desde 2006 outras obras nacionais de FA foram publicadas por aqui, embora o subgênero ainda não seja tão familiar e reconhecido por leitores, escritores e editores brazucas como se poderia esperar.

E, como sempre parece haver alguma confluência misteriosa nesses casos, cabe o registro que, ao longo do mesmo ano de 1995, com poucos meses de diferença, foram publicados dois romances nos quais Sherlock Holmes aparecia como personagem: “O Relógio Belisário” de J. J. Veiga e “O Xangô de Baker Street” de Jô Soares. O primeiro com um certo toque de realismo mágico e o segundo inteiramente realista. Mas nenhum deles com as características essenciais da FA no sentido hodierno em que esse subgênero se sedimentou dentro da Ficção Científica e do Gênero Fantástico. Essa primazia cabe de fato e de direito a Fábio Fernandes, nosso colega sócio primevo do CLFC (número 85).

Fábio Fernandes nasceu em 1966, é jornalista formado pela FACHA, com mestrado e doutorado em Comunicação e Semiótica pela PUC-SP. É tradutor desde 1986, publica como escritor desde 1995 e desde 2004 é professor da PUC-SP.

Com vocês, na primeira publicação desde 2007 e na segunda desde 1995, “Para Nunca Mais Ter Medo”, de Fábio Fernandes:



Clássicos da FCB

Para Nunca Mais ter Medo

de Fábio Fernandes

Depoimento de Fábio Fernandes



Uma das perguntas que movem o escritor de literatura fantástica em geral, e o de ficção científica, em particular, é: o que aconteceria se? Não importa o quê: a pergunta surge sempre que nos deparamos com alguma situação para a qual acreditamos ter uma solução diferente da que foi originalmente apresentada.

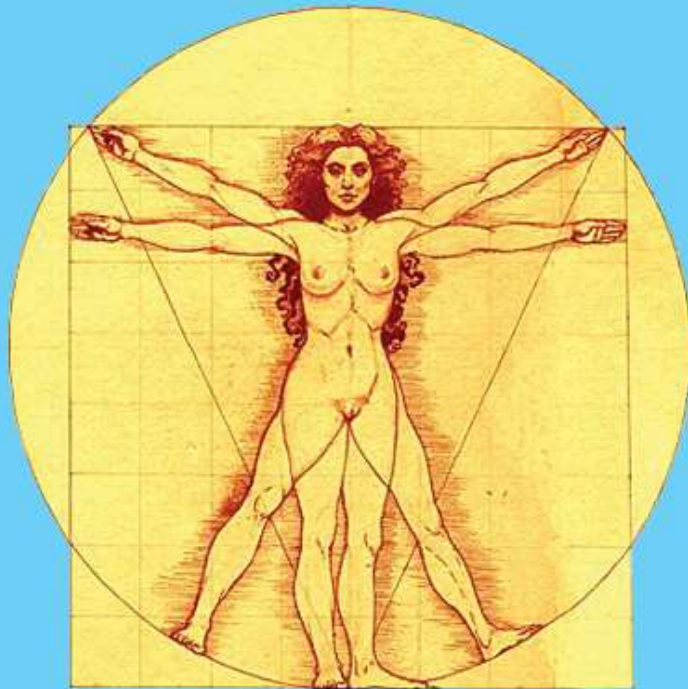
Foi o meu caso ao ler Frankenstein.

Não me entendam mal: adoro o livro e para mim está perfeito como está. Mas uma coisa que sempre me incomodou foi a reação de Victor Frankenstein ao chamado “monstro” no instante em que o viu ao lado de sua cama, prova viva de que seu método nem um pouco ortodoxo tinha dado certo. Afinal, se ele tinha tanta convicção de suas habilidades, sem falar da obsessão, por que esse medo, esse arrependimento súbito? Por que não encarar a criatura de frente e dizer, como Michelangelo fez com seu Moisés, “Parla!” Afinal, se Frankenstein era deus, poderia muito bem contemplar sua criação e dizer que estava bom.

*A partir desse pensamento, comecei a elaborar uma história em que isso teria acontecido. E a história da humanidade nunca mais seria a mesma. Nem a minha própria: depois de escrever uma breve linha do tempo, comecei a pensar em histórias. A primeira que saiu foi a que você, leitora, leitor, está prestes a ler agora. A mais recente foi meu romance *Back in the USSR*, publicado em 2019 e finalista do Prêmio Jabuti 2020 na categoria Entretenimento. Em ambas, a ideia foi mostrar da maneira mais direta possível como as vidas das pessoas podem ser afetadas por uma simples decisão tomada duzentos anos antes. O romance tem tons mais sombrios. Este conto... bem, você vai descobrir agora. Espero que goste.*

*Time is the space
Between you and me (...)
Seal, Prayer for the Dying*

Marta era muito bonita viva. Mas conseguia estar ainda mais linda depois de ressuscitada.



Eu estava terminando um café no foyer do Centro Cultural Banco do Brasil quando ela chegou. Os olhos pretos, elétricos, me procuravam feito loucos no meio da multidão que não parava de chegar. Ela hesitava. Pensei em ajudá-la, mas me lembrei do que os médicos costumam recomendar nesses casos: não trate o ressuscitado como um doente.

Depois da alta, ele está tão bem quanto qualquer pessoa em sua primeira vida, talvez até mais. Esperei.

E então ela me encontrou. A boca se abriu num sorriso, e seus dentes perfeitos me trouxeram de novo a sensação de normalidade, de que tudo realmente era como antes.

Sorri aliviado.

Não resisti à tentação. Assim que ela se aproximou de mim, tomei-a pelas mãos e cantei baixinho, só para ela ouvir:

- Talvez, quem sabe, um dia, pela alameda do zoológico ela também chegará...

- O século trinta vencerá... - ela emendou.

- Ela é tão linda que por certo eles a ressuscitarão - terminei em seu ouvido. E nos abraçamos.

Ela chorou. E eu também. Ressuscitar nunca é fácil.

- Por que não marcamos no zoológico, então? - ela perguntou sorrindo, depois de algum tempo.

- Vamos ter muito tempo para visitar o zoológico -



respondi, enquanto a levava na direção do elevador. - Hoje é o dia do Bicentenário.

- Eu não lembrava - ela disse. - Estive inconsciente por uma semana. O período normal é esse mesmo ou eu tive alguma complicação?

- Não, de jeito algum - eu a tranqüilizei. - O seu acidente não danificou o cérebro.

Me disseram que o impacto do carro danificou seus pulmões e seu coração. O transplante e o Método foram realizados no mesmo dia. Os outros foram para descanso e adaptação.

- Ah - foi tudo o que ela disse. Seu rosto havia ficado tenso de repente. A cabeça baixa olhava a pequena tatuagem que todo ressuscitado traz no pulso esquerdo: um oito

invertido, símbolo do infinito, e, por extensão, da vida eterna, ou quase. Fiquei sem graça. Não devia ter falado do acidente. A morte foi a dela, afinal de contas.

O elevador chega rápido, nosso destino é no segundo andar. Saindo do saguão, viramos à esquerda. Na entrada do salão, uma placa anunciava o nome da exposição que viemos

ver: O HOMEM QUE MATOU A MORTE - 200 ANOS DO MÉTODO FRANKENSTEIN.

A sala era uma cópia aproximada do laboratório de Victor Frankenstein. Pendurada no teto, uma cópia do estrado de metal usado para sustentar o protótipo. Nas paredes, cópias dos esboços e croquis usados pelo cientista suíço em suas investigações sobre o uso da eletricidade no estímulo da musculatura e dos órgãos de animais e do corpo humano. Pequenas bancadas repletas de tubos e peças cuja função não consegui decifrar tornavam a visita algo de labiríntico. Marta olhava tudo como quem descobria o mundo pela primeira vez. E era verdade, pensei com meus botões: só dá valor à vida quem a perde. A incidência de acidentes entre os de segunda vida é bem menor que entre os de primeira.

Na parede do fundo, uma série de painéis resumia a vida de Frankenstein. Segundo sua biografia - a autorizada, claro; a não-autorizada, escrita pela feminista inglesa Mary Shelley no início do século dezenove, até hoje causa uma certa espécie - no início ele teria se perguntado: o que foi que eu fiz? Mas a sensação de haver cometido um erro contra as leis da Natureza durou pouco. Como todos os homens de seu tempo, ele já havia visto coisas muito piores em termos de estética: deformidades de toda sorte, naturais ou provocadas por doenças como varíola ou cólera. Seria ridículo esperar que ele fosse se espantar com o aspecto físico de sua criatura, ainda mais depois de todas as cirurgias que havia realizado para juntar suas partes. Logo ele começou a educar a criatura - que batizou de William, em homenagem a seu irmão menor, morto precocemente no

mesmo ano de 1794 - e ao final de um ano, após sucessivas cirurgias corretivas para melhorar o aspecto de seu rosto, ele o apresentou à sociedade.

A repercussão foi terrível. Por muito pouco ele não foi enforcado por um crime que muitos tentaram antes dele, mas nenhum havia conseguido: brincar de Deus. Felizmente, o resultado de sua experiência acabou superando todas as expectativas: William cativou os cientistas alemães com sua força e inteligência, e - muito mais importante se Victor quisesse continuar suas pesquisas sem problemas com as autoridades - a nobreza alemã.

Victor era novo: não contava vinte e sete anos quando realizou a experiência com William. Teve, portanto, tempo de sobra para continuar seu trabalho e aperfeiçoar o método que o tornaria famoso mundialmente. Por ironia do destino, entretanto, jamais chegou a ter uma segunda vida: aos quarenta e seis anos, defendendo sua mansão das tropas de Napoleão, morreu no incêndio que destruiu a propriedade. Mas sua obra continuou.

Hoje em dia, entre outros apoios terapêuticos, existe a terapia genética, que clona órgãos só para transplante. Alguns fazem a terapia preventiva, submetendo-se ao rejuvenescimento antes do fim da primeira vida. Mas o método eletromecânico, ou simplesmente Método Frankenstein, ainda é muito popular, principalmente entre as classes menos favorecidas - há anos a Santa Casa de Misericórdia o utiliza - e em casos de acidentes. Se não fosse assim, Ayrton Senna ainda estaria morto e não teria vencido o campeonato de Fórmula Um deste ano. Ou Tom Jobim. Não teríamos tido aquele concerto espetacular no réveillon em Copacabana se a família dele não tivesse concordado em usar o Método.

E inumeráveis outros casos. É o que penso ao sair do Centro Cultural, os dedos tocando quase distraídos a tatuagem minúscula no meu pulso esquerdo. Do lado de fora, o centro do Rio fervilha nessa tarde muito especial de sábado; milhares de pessoas - em suas primeiras, segundas e até terceiras vidas - enchem as ruas do verão de cores e sorrisos. Reconheço várias pessoas, muitas das quais já em suas segundas vidas.

Respiro fundo e sorrio, olhando para Marta, que faz a mesma coisa. É como o dia do Juízo Final, todos se reencontrando depois de mortos. Mas aqui na Terra. Pode haver coisa melhor?

Não que seja um mundo perfeito, pelo contrário: a República de Weimar continua em negociações com a Rússia pelos espólios da última guerra, e ainda não vencemos a fome e a doença. A superpopulação é um fantasma mais do que presente agora, mesmo com as colônias na Lua e em Marte. Mas pelo menos um dos quatro cavaleiros do apocalipse já foi derrotado. Os outros também cairão. Tudo a seu tempo. E agora nós temos todo o tempo do mundo.



Loki em Ragnaroki

Noveleta no universo ficcional de
 “Quando os Humanos Foram Embora”

de Gerson Lodi-Ribeiro

Uma versão anterior, bem diferente, desta noveleta, sob o título “Lokii e seu Ragnarok” foi agraciada com uma menção honrosa no Primeiro Prêmio Fausto Cunha sob os auspícios de uma entidade que precedeu o CLFC na história da FCB, o Clube de Ficção Científica Antares, tendo sido posteriormente publicada em 1985 na Primeira Antologia CFCA, organizada por Jane Therezinha Mondello de Souza.

Esta versão atual, “Lokii em Ragnarok”, é ambientada no universo ficcional Imortais Efêmeros, criado para a novela Quando os Humanos Foram Embora. Em termos de cronologia interna, a ação da noveleta se desenrola cerca de dois milênios após o xequi-mate aplicado pelos ilianos na humanidade delineado na novela. Agora, os humanos precisam lidar com outra civilização alienígena. Desta vez não são os gandolphianos ou os ilianos, mas os lokii, inteligências nativas de Ragnarok.

“Lokii em Ragnarok” aborda a problemática da superpopulação e as diferentes maneiras de solucionar essa questão crucial. A narrativa se divide em duas partes, com focos narrativos diferentes a cargo de protagonistas humanos bastante distintos, em mais de um aspecto.

Hendrik de Medea

Durante boa parte da minha vida acadêmica aguardei a oportunidade de romper a quarentena do Departamento de Assuntos Extra-Humanos e estudar a cultura dos lokii. É como se toda a minha carreira anterior à viagem para Asgard houvesse sido um mero preparo para a missão que me aguarda em Ragnarok. Ao longo das várias etapas da jornada pelo espaçotempo, separadas entre si pelas breves translações do hiperespaço, imaginei a nova fase do meu trabalho prestes a se iniciar como um período de glória.

O primeiro xenologista civil a visitar Ragnarok.

É claro, não contava que uma inteligência artificial primitiva e estúpida estragasse aquele momento tão especial.

* * *

Os lokii constituem a segunda civilização tecnológica de âmbito exclusivamente planetário descoberta pela humanidade. A primeira foi a cultura iliana, oriunda do Sistema Zeus, mas hoje itinerante no espaço interestelar a meio caminho do meu sistema natal, Oricterope.

Ao contrário do que aconteceu com os ilianos – descobertos de forma acidental, no curso de uma pesquisa rotineira, efetuada séculos após os primeiros humanos orgânicos se materializarem em Zeus – a existência dos lokii foi estabelecida a trinta e poucos anos-luz de Asgard, graças às transmissões radiofônicas de seus antepassados, oportunamente captadas pelas antenas de um emissário, coisa de cinco séculos antes da minha chegada a Ragnarok.

Naquela época, um sentimento de euforia tomou conta das principais comunidades científicas humanas. O sistema estelar do qual as transmissões provieram, até então apenas um código do catálogo astrofísico galáctico, foi grandiosa e intempestivamente batizado “Asgard”.

O emissário em questão era uma máquina consciente de projeto antigo. Embora possuísse um transmissor de táquions, fora construído bem antes do advento da hipertranslação iliana. Como aquela classe de emissários costumasse realizar apenas levantamentos de rotina, era raro que uma cultura humana cogitasse docar um engenho daqueles num estaleiro orbital moderno para equipá-lo com os novos transladores hiperluz. Contudo, depois que o ELC-0937 relatou a decodificação dos sinais de uma cultura alienígena desconhecida, o DAE chegou a considerar o plano de

enviar uma hipernave tripulada até Asgard. No entanto, pensando os custos envolvidos e os riscos de se provocar um forte choque cultural nos alienígenas, o Conselho da Confederação interveio, determinando que o próprio emissário descobridor efetuasse os procedimentos iniciais do contato.

Assim, depois de quase um século de viagem, arrastando-se a um terço da velocidade da luz, o ELC-0937 finalmente ingressou em Asgard. De acordo com os registros oficiais, o conteúdo da primeira bateria de dados – transmitida pelo emissário para meia dúzia de comunidades científicas distintas – teria convencido os hierarcas do DAE quanto à necessidade premente de colocar o sistema sob quarentena. Uma vez convencidos, tais autoridades não encontraram dificuldade alguma em persuadir o Conselho a promulgar a decisão executiva de estabelecer uma zona de exclusão, vetando terminantemente o ingresso de veículos ou sondas estelares num raio de dois anos-luz de Asgard, sem autorização expressa do Departamento. Considerando a inexistência de transeptores de matéria no sistema, em termos práticos o veto significa que apenas os estudiosos do DAE têm acesso a Ragnarok e aos seus habitantes.

Segundo os registros que consultei em Circe, a quarentena constituiu um autêntico escândalo à época. Milhares de protestos cruzaram o hiperespaço, transmitidos pelas instituições científicas, por representantes das mídias noticiosas e do público leigo em geral. Embora sacudido pelas críticas, o governo tênue e transparente da Confederação se manteve inflexível. Acreditem ou não, em seu único pronunciamento público sobre o assunto, o Conselho declarou “estar agindo em prol da segurança e da sobrevivência da espécie humana.” Um bocado grandiloquente, não?

Como era de se esperar, o pronunciamento do Conselho não foi nem de longe suficiente para calar as críticas. Serviu, contudo, para dar início a uma série infundável de boatos e especulações. Durante as décadas que se seguiram à chegada das primeiras hipernaves do DAE ao Sistema Asgard, as redes noticiosas divulgaram centenas de teorias estapafúrdias sobre o verdadeiro motivo do segredo, inflamando a opinião pública em dezenas de sistemas e não deixando que o assunto fosse esquecido.

No entanto, à medida que os séculos se passavam, a quarentena foi deixando de ocupar as manchetes dos noticiários.

* * *

Sempre me perguntei por que os xenologistas do DAE batizaram aquela superfície planetária tórrida e ressequida de “Ragnarok”. Não sei o que seu módulo-biblioteca diz mas, segundo o meu (um implante mnemônico modelo padrão, fabricado em Circe), Ragnarok é uma expressão oriunda da mitologia nórdica da fase monoplanetária, cujo significado aproximado é “O Destino Fatal dos Deuses”. Já o nome dos autóctones, o implante me explica, foi inspirado em Loki, o deus do mal e da mentira, dentro do panteão da mitologia citada. Sobre a escolha

dessas designações tenho duas hipóteses prediletas: ou alguém no DAE com um senso de humor bastante distorcido decidiu fazer uma piada sem a menor graça a partir do nome do primário, uma anã amarela de tipo espectral G3; ou então, lokii e Ragnarok não foram brincadeiras de mau gosto, mas antes, indícios sugestivos da natureza real das informações que o DAE tanto insiste em ocultar.

São os lokii criaturas hediondas e hostis a qualquer manifestação de inteligência alienígena? Ou constituem uma cultura tão frágil que qualquer contato com uma civilização de âmbito estelar, conquanto breve e episódico, traria reflexos danosos ao seu desenvolvimento?

Ninguém conhece a verdade. Ninguém, exceto os xenólogos e demais cientistas do DAE, é claro. Só que esses não se mostram propensos a compartilhar o segredo zelosamente mantido ao longo de quase meio milênio.

Pelo menos, até agora.

* * *

Duas gerações após a descoberta dos lokii, a humanidade como um todo ainda não sabe muito sobre essa espécie racional respiradora de oxigênio. Nas décadas que se seguiram ao contato inicial com o emissário, a muralha de sigilo que o Departamento de Assuntos Extra-Humanos erigiu em torno de Ragnarok provocou uma onda de indignação na maioria das sociedades humanas.

Na época, os gandolphianos eram os únicos alienígenas respiradores de oxigênio dos quais já havíamos ouvido falar. Daí a relativa comoção da descoberta dos lokii. Nos séculos seguintes, graças à hipertranslação inventada pelos ilianos, encontramos três outras culturas de âmbito estelar, os gryphos, os magelânicos e os wizards, esses últimos, respiradores de metano. Enquanto estabelecíamos relações com essas três novas comunidades alienígenas, nossos velhos rivais gandolphianos esbarravam nas potestades, as criaturas respiradoras de cloro residentes em Greenhell, representantes da primeira megacivilização de âmbito galáctico de que temos notícias. Desse modo, a questão loki perdeu espaço junto à mídia em favor dessas novas matérias alienígenas, mais instigantes e, sobretudo, mais acessíveis que os nativos de Ragnarok.

Contudo, se é verdade que os gryphos e as outras descobertas mais recentes são as grandes vedetes da mídia e, portanto, do grande público; por seu lado, os lokii se tornaram uma autêntica obsessão no seio das diversas comunidades científicas espalhadas pelos sistemas que a humanidade colonizou periferia galáctica afora.

Durante todo esse tempo, tais comunidades jamais deixaram de pressionar o DAE em favor do término da quarentena e da instalação de um complexo transeptor em Asgard.

Depois de cinco séculos, o DAE enfim resolveu atender os apelos das diversas comunidades científicas da humanidade. Até certo ponto.

A quarentena será levantada em duas etapas. Na pri-

meira, o Departamento franqueará o acesso de um xenólogo civil a Ragnarok. Civil, no sentido de externo às fileiras do DAE. Mais tarde, o cientista escolhido prestará contas ao Conselho e este deliberará se chegou ou não a hora de levantar a quarentena em definitivo.

Dentre a miríade de candidatos qualificados em quase uma centena de sistemas estelares habitados pela humanidade, os programas especialistas do DAE acabaram selecionando justo eu para desempenhar o papel pretensamente relevante de observador neutro.

Em meus momentos de autoindulgência, costume me iludir com a noção prazerosa de que, dentre tantos outros, fui o escolhido graças à reputação acadêmica que estabeleci nos campos da xenopsicologia e xenossociologia. Afinal, sem falsa modéstia, posso afirmar que me tornei nos últimos dois séculos um dos especialistas mais respeitados no estudo das formações sociais dos autotróficos respiradores de metano originárias do Aglomerado Globular de Oz – alienígenas que o grande público hoje conhece pelo cognome de wizards.

Contudo, é raro que esses instantes breves de insensatez durem tanto quanto deveriam. Quando regresso ao mundo real, costume lembrar que, como nativo de Medea, devo ser um dos poucos xenólogos qualificados capaz de suportar à gravidade de Ragnarok sem a necessidade de um doloroso período de condicionamento genético e sistêmico ou do emprego de um traje antigrav que poderia, quem sabe, causar comoção entre os nativos.

* * *

Durante a viagem de Medea, o quarto mundo de Oricterope, até Asgard repassei muitas vezes todo o pouco que se sabe sobre a cultura loki.

Foi minha primeira viagem interestelar e, para ser franco, espero que tenha sido a última. Porque, sinceramente, eu não nasci para isto. Não obstante os avanços dos últimos milênios, a viagem física pelo hiperespaço é um meio de transporte bem pouco civilizado para qualquer pessoa que não se considere um aventureiro, do tipo capaz de singrar a periferia décadas a fio a bordo de uma dessas hipernaves.

Para a grande maioria, exclusivamente acostumada às jornadas instantâneas, via transceptor de matéria, revelo que, mesmo com os novos hipertransladores ilianos, cruzar a periferia em carne e osso é um processo deveras primitivo e, sobretudo, muito, muito entediante.

As etapas de aceleração e frenagem consomem semanas. Embora em tese instantâneo, a hipertranslação residual só é razoavelmente precisa até um intervalo de cerca de cem anos-luz. Daí a necessidade de várias escalas. Em cada dessas, novas etapas de frenagem e aceleração. Ou seja, uma viagem que poderia ter sido feita em questão de microssegundos através de um transceptor, levou quase seis meses. Essa canseira toda se deve à obstinação do

DAE, que indeferiu a instalação de complexos de transcepção taquiónica na gravitossfera de Asgard.

Em meio às semanas e semanas de tédio, acreditem, tive tempo mais que o bastante para pensar no quão pouco eu de fato sabia sobre os lokii e seu Ragnarok.

Segundo o Departamento, Ragnarok é um planeta com cerca de três vezes e meia a massa da Terra e um diâmetro médio cinquenta por cento superior ao terrestre. Um mundo bem maior que a Terra ou Circe, o planeta humano mais populoso de Oricterope, mas não particularmente impressionante para um nativo de Medea, o outro mundo biótico do meu sistema. A gravitação média de um ponto quatro cinco g_e reinante em Ragnarok é imperceptivelmente maior do que a que estou acostumado.

Assim que a hipernave se materializa a dez horas-luz de Asgard, confiro mais alguns dados físicos sobre o planeta dos lokii. Minha primeira impressão quanto às condições climáticas de Ragnarok é bastante negativa. Onze por cento mais próximo de Asgard que a Terra do Sol, com uma rotação mais lenta – o dia ali possui quarenta e três horas, vinte e oito minutos. A pressão atmosférica é duas vezes maior que a terrestre, isto é, quase cinquenta por cento a mais do que estou acostumado. Em suma, o mundo que rodopia preguiçoso no fundo do holotanque do meu camarote constitui um deserto tórrido e inóspito de dimensões planetárias, mesmo sob o olhar estoico de um medeano. Vejam bem: estou acostumado ao clima violento, à atmosfera em turbulência constante, ao vulcanismo ativo e às placas tectônicas instáveis do meu mundo, mas não a essa atmosfera densa e seca – responsável principal por temperaturas médias de quase setenta graus Celsius ao nível do mar – que o Departamento insiste em afirmar respirável.

Embora semelhante a Ragnarok em tamanho e gravitação, Medea é um planeta de temperatura amena mesmo no continente do cinturão equatorial. Ragnarok é um inferno quando comparado com meu mundo natal.

Diante da minha consternação, a comandante da hipernave alega que, ao menos, a órbita de baixa excentricidade e a inclinação axial reduzida fazem de Ragnarok um mundo sem estações climáticas pronunciadas. Grande consolo. Para um humano desprotegido, essa superfície planetária é um tormento infernal de temperatura homogênea durante os dez meses-padrão do seu ano.

Que tipo de criatura racional terá evoluído sob condições tão adversas?

Ainda em Medea, desenvolvi uma série de simulações evolucionárias, alimentando o programa-especialista com os poucos dados que então dispunha sobre os lokii e seu mundo. Os resultados não foram, é claro, conclusivos. A escassez de informações fidedignas obrigou a IA a tecer centenas de especulações, o que por sua vez gerou dezenas de milhares de modelos coerentes viáveis para a evolução das formas biológicas nesta superfície planetária permanentemente envolta em nuvens.

* * *

A jornada curta no transporte cilíndrico que me conduz da hipernave até a superfície de Ragnarok é menos entediante, conquanto mais extenuante do que a viagem interestelar. A ausência da gravidade artificial gerada no interior do veículo mãe, provoca uma sensação perturbadora de falta de peso na base do estômago.

Ah, isto não é viajar. Decididamente, não possuo o espírito empreendedor necessário para singrar esses ermos da periferia desprovidos de complexos de transcepção de matéria.

O transporte pouso verticalmente sobre uma campina coberta por densos tufo de vegetação azulada. Assim que a comporta externa se desmaterializa, desço a rampa de desembarque recém-projetada do casco cilíndrico.

Do interior do traje antitérmico, contemplo in situ o panorama desta planície alienígena. O castanho escuro da terra granulosa se mescla de forma peculiar ao azul dos arbustos que ondulam na brisa suave da manhã.

Do ambiente climatizado do traje, teria sido fácil imaginar o frescor daquela brisa, não fosse a claridade feérica emanada do cobertor compacto das nuvens que variam em tom, do branco fulgurante ao amarelo mostarda.

Bem-vindo a Ragnarok.

O mundo dos lokii. O local que desde menino eu sonhava explorar, para desvendar seus segredos.

* * *

Superada a epifania deste momento de êxtase inicial, procuro as instalações humanas que identifiquei durante o voo de aproximação.

Numa das extremidades da campina de arbustos cianofilados, há uma construção de dois pavimentos. Um prédio extenso, de aparência atarracada. Desta distância, tenho a impressão de que a fachada e as laterais são erigidas em mármore branco. O brilho amarelado muito sutil na faixa de céu por detrás da estrutura do prédio denuncia que estamos imersos no interior de um campo energético quase imperceptível.

Alargo o espectro visual para abranger a faixa do infravermelho. Como esperava, a cúpula de energia se torna plenamente visível. Observo o firmamento do zênite à linha do horizonte. O campo energético encerra boa parte da campina em seu interior. Inclusive a naveta cilíndrica que me trouxe para cá. O prédio branco parece se situar bem no centro da redoma de energia.

Enquanto aprecio a paisagem, um robô dispara do prédio em minha direção com velocidade tresloucada. Mal o percebo e ele já estava freando, quase em cima de mim.

Esse foi meu primeiro incidente insólito com os robôs que mantínhamos em Ragnarok. Na hora, contudo, não há tempo para considerar a conduta descortês da máquina, visto que ela começa a falar num ânglico monocórdio, mas

simpático:

— Saudações, jovem Hendrik. É um prazer tê-lo entre nós. Enfim, uma cara nova para fustigar a mesmice reinante aqui embaixo. Está sendo aguardado na Embaixada. — Gira a metade superior do corpo de plástico metalizado sobre o próprio eixo e retrocede na direção de onde veio. — Siga-me.

Fazendo o possível para me manter ao lado desse robô antiquado que regressa ao prédio branco deslizando célere em suas rodas minúsculas, tento extrair alguma informação daquela I.A. turbulenta.

— Embaixada? Essa não é a base do Departamento?

— Exato. Mas os lokii se referem às nossas instalações como “Embaixada” há tanto tempo, que começamos a fazer o mesmo.

— Por falar em lokii, há algum por perto?

— Dentro da cúpula defletora? Duvido muito.

Concluo que a finalidade principal do campo defensivo é salvaguardar a privacidade dos humanos residentes.

— Quantos humanos existem nessa Embaixada?

— Cento e vinte e três, contando consigo.

— Tantos assim?

Chegamos ao pórtico de entrada da representação diplomática.

A máquina se detém e recomenda em tom amistoso:

— Vamos lá. Seus semelhantes o aguardam ansiosos.

— E você?

— A grande atração do dia é você e não eu. Devo regressar aos meus afazeres habituais. Siga em frente e gire a maçaneta.

Assinto em silêncio, algo contrafeito com o tom descendente do robô. Consulto o módulo-biblioteca. Girar a maçaneta?

“VERNÁCULO (MUITO) PRIMITIVO: ABRIR A PORTA, GIRANDO UMA ALAVANCA, VINCULADA A UM EIXO NORMALMENTE TRANSVERSO AO PLANO DA PORTA.” — O implante esclarece.

Dou um passo avante e estendo a mão para a tal maçaneta.

Meu braço atravessa a porta. Perco o equilíbrio, tropeço para a frente e passo através da porta da Embaixada. Assustado, consigo apoiar as mãos no chão, evitando por pouco me estatelar no piso acarpetado.

Levanto dum salto e giro nos calcanhares.

Cruzo o holograma da porta em sentido contrário. Em vão, procuro pelo robô insolente. Pelo visto, depois de me iludir, o meliante desapareceu como se transmitido a um planeta remoto.

Odeio essa tendência antiga, vigente até dois ou três milênios atrás, de se programar os robôs com um senso de humor ridículo, típico de pré-adolescentes orgânicos. Depois de vários incidentes desagradáveis e reclamações periferia afora, os projetistas afinal concluíram o óbvio. Não há a menor necessidade de transformar I.A. simples e coerentes em crianças malcriadas. Porém, nalgumas pla-

gas remotas, os modelos antigos ainda persistem. Não supus que Ragnarok fosse um desses locais.

Um dos momentos mais especiais da minha vida estragado por um robzinho estúpido.

Irritado, cruzo de novo o holograma da porta.

Uma humana alta, epiderme vermelha e cabelos negros à altura dos ombros me aguarda do lado de dentro, junto à soleira.

Obrigo-me a erguer o queixo para fitá-la nos olhos. Com cerca de duzentos e trinta centímetros, ela é dois palmos mais alta que eu. Uma estatura pouco superior à média das nativas de Circe. Enorme quando comparada aos humanos nascidos ou adaptados a mundos de gravitação elevada.

Sua toga curta e diáfana exhibe as pernas longas, típicas das humanas crescidas em mundos pequenos. O traje me leva à constatação imediata de que há um climatizador em funcionamento na Embaixada.

Sinto-me leve e revigorado; um sinal evidente da presença de um gerador de campo gravitacional regulado em torno de um gê padrão. Positivamente, o DAE não faz economia aqui em Ragnarok.

A mulher me saúda, unindo as palmas das mãos sobre o peito e dobrando o tronco ligeiramente para a frente. Observo o bracelete verde enlaçando seu pulso esquerdo, símbolo que a identifica como cientista do Departamento.

— Seja bem-vindo, Hendrik. — Curva o pescoço e inclina a cabeça a fim de me fitar nos olhos. — A propósito, belo tombo.

— Aquele robô estúpido.

— Não ligue. Hermes adora pregar peças aos recém-chegados. Não tem havido muitas oportunidades ultimamente.

Notando o meu embaraço, sorri e acrescenta:

— Ah, ia me esquecendo. — Estende a mão esguia e delicada. Aperto-a com cautela extrema, no esforço consciente de não a machucar. Embora seu braço seja bem mais longo que o meu, sua mão desaparece dentro da minha. — Twoyoungtrees de Kalahari, Sigma Pavonis. Especialista em consciências artificiais.

Enrijeço os músculos involuntariamente, colocando-me em guarda num ato reflexo à menção do planeta Kalahari.

— Ai, minha mão!

— Desculpe. — E mais essa, agora?

Segundo os informes que ouvi em Oricterope, além de manipular seus programas genéticos, os humanos de Kalahari implantam nanochips em seus recém-nascidos para que esses desenvolvam a capacidade de captar e decodificar as ondas cerebrais de outros humanos.

Apesar de ignorada ou assumida como charlatanismo pelas demais sociedades humanas, em Sigma Pavonis a telepatia é parte integrante do cotidiano da população, motivo pelo qual os nativos de Kalahari não são vistos com muita simpatia em outros sistemas.

Apesar dos estudos exaustivos e das inúmeras teorias

elaboradas a respeito em outras sociedades humanas e alienígenas, a telepatia continua constituindo um segredo exclusivo dos kalaharianos. Há, no entanto, vasta documentação corroborando a existência desse fenômeno psi através de experiências empíricas.

— Não tenha receio. O estigma de Kalahari tem sido largamente exagerado periferia afora. — Esboça um sorriso sem graça ao empregar a mão esquerda para massagear a direita. — Além disso, consideramos uma grosseria imperdoável invadir a privacidade de alguém sem consentimento prévio.

É até possível que não se tenha dado ao trabalho de vasculhar minha mente. O fato é que a frase soa como resposta perfeita ao meu estado de espírito.

— Não gostaria de entrar e conhecer alguns dos outros residentes?

— Sim, é claro. — Replico na defensiva. Definitivamente, este primeiro dia não está me saindo lá muito auspicioso.

— Dispa esse traje antitérmico.

Faço o que ela sugere, pendurando a vestimenta pesada num dos vários ganchos existentes no átrio para esta exata finalidade.

Twoyoungtrees me toma pelo braço e caminha comigo para o interior do salão. Sou rapidamente apresentado à meia dúzia de cientistas do DAE, que me cumprimentam com um punhado de palavras gentis sem maiores consequências.

— Vamos até o meu gabinete. — Ela me indica a direção.

Despeço-me dos outros e caminho ao lado dela rumo à porta no outro extremo do aposento.

Sem parar de andar, ela retira algo do bolso interno da toga, toma meu antebraço esquerdo e fixa um bracelete azul em meu pulso.

— Pronto. Enquanto estiver portando isto nossos robôs não devem mais bancar os engraçadinhos com você.

— Muito obrigado.

— De nada. — Ela continua segurando meu braço com a mão pequenina, enquanto me observa, olhando para baixo e para o lado por sobre o ombro, mais ou menos como um medeano adulto faria com uma criança. — Fui designada para trabalhar com você. Estou à disposição para esclarecer qualquer dúvida e ajudá-lo no que for preciso, embora, de acordo com o que fui informada, desconfie que prefira trabalhar sozinho.

— De fato. Se me for permitido.

— Claro. — Encolhe os ombros, indicando não se importar. — Se quiser, posso conseguir uma visita ao núcleo loki mais próximo. Mediante alguns arranjos, você deverá ser capaz de fazer o seu trabalho de campo sozinho, caminhar entre eles, entrevistá-los, e...

— Posso carregar meu implante com o idioma deles?

— Até pode. Porém, se eu fosse você, optaria por um kit especialista de tradução simultânea.

— Ah, eu tenho certeza de que...

— Olha, é só um conselho. Não se trata apenas de um idioma, mas de trinta e sete deles. Sem falar nas centenas de dialetos e variantes referentes a nuances emocionais. Cada um desses idiomas é bem mais complexo e sutil que o inglês galáctico. Agora, se você acha que o seu implante vai dar conta do recado, tudo bem.

— Não, não, eu vou usar esse kit. Mas pensei que eles fossem regidos por um governo planetário.

— E são.

— Mas, quer dizer, com tantos idiomas assim?

— Você não está entendendo. Ao que parece, está atribuindo a grande quantidade de idiomas à existência de uma miríade de Estados-nação primitivos. Talvez eu tenha me expressado mal. Todos os lokii adultos articulam os trinta e sete idiomas, os dialetos e tudo mais.

— Como é que é?

— Eles possuem um idioma para o amor; outro para a amizade; dois para o sexo; um para a família; outro para a ciência; um para os negócios comerciais e financeiros; um para a política; três para a filosofia; dois para a religião, e assim por diante.

— Extraordinário. Mas, isto não lhes causa certos embarrasos semânticos?

— Em absoluto. Tendemos a pensar assim no início, é claro. Afinal, um ser humano se sentiria inteiramente perdido se forçado a interagir numa sociedade como essa. Contudo, a estrutura mental loki parece bem adaptada à situação.

— E esse kit especialista, funciona bem?

— O nosso tradutor simultâneo está longe de ser perfeito, mas é o que temos de melhor. — Twoyoungtrees encolhe os ombros outra vez, e pisca o olho num gesto de cumprimento. — O kit verte indiferentemente qualquer idioma loki para o inglês, e vice-versa. O sistema funciona bem durante a maior parte do tempo. Porém, mesmo depois de cinco séculos de aperfeiçoamentos constantes, ele às vezes ainda se confunde um pouco quanto à escolha da linguagem autóctone mais adequada para a ocasião.

— Sobretudo, quando os nativos mudam de um assunto para outro sem aviso. — Arrisco o palpite.

— Exato. Numa conversa formal entre lokii a mudança abrupta de assunto sem aviso é considerada uma gafe social, quanto não uma falta grave de cortesia. Mas esses avisos são às vezes demasiado sutis para que nossos tradutores percebam. Além disso, ninguém, nem mesmo um loki, conversa formalmente o tempo todo, certo?

— Incrível. Imagino que as interações sociais deles devam ser terrivelmente complexas e intrincadas. — Diante de seu gesto de concordância, pergunto: — Eles já conquistaram o espaço interplanetário?

— Um punhado de satélites meteorológicos e de comunicações; um telescópio espacial; duas sondas automáticas orbitando o primário do sistema, e é só. — Suspira, parando em frente a uma das portas de um longo corredor que

percorremos juntos. Quando essa se abre sozinha, ela faz um aceno bem humorado, convidando. — Vamos entrar. Tenho uns holomusicais antiquados, mas interessantes e aqui poderemos conversar sem interrupções.

Volto à carga tão logo nos instalamos nos almofadões confortáveis do seu gabinete de trabalho. Preciso de três almofadas a mais que ela para que nossos olhares se situem à mesma altura.

— Então? O mistério de Ragnarok persiste.

— Claro. E vocês, civis, jamais descobrirão os segredos terríveis que se ocultam sob esse véu de mistério. — O riso dela soa melodioso e sincero, não obstante a película fina de ironia. — Afinal, como toda boa instituição pública de caráter elitista que se preze, o Departamento pretende manter para seu proveito exclusivo todo o conhecimento útil sobre as civilizações alienígenas. Ah, Hendrik, se você soubesse quantas vezes já ouvimos essa mesma cantilena nos últimos séculos.

Um sólido de matizes esverdeados gira num sentido aleatório sobre nossas cabeças, ao ritmo harmônico da música suave que sintetiza o tom agudo pungente de um instrumento de cordas antigo.

— Posso imaginar. Mas, afinal, o que vocês esperavam?

— Tudo bem. — A voz dela já não soa irônica, mas francamente conciliadora. — Com o tempo, quando compreender tudo, vai nos prestar o seu apoio sincero e irrisório.

— Isto é o que vamos ver.

— Aqui em Ragnarok estão presentes as sementes da tragédia, por assim dizer. Se deixadas germinar livremente, é bem provável que acarretem o fim da diáspora humana na periferia galáctica.

— Pelo Espírito Universal, com essa grandiloquência toda, quase começo a acreditar que a situação é realmente grave.

— Você vai descobrir por si mesmo muito em breve. Poderá concluir por si próprio a gravidade e a amplitude do fenômeno em que tropeçamos em Ragnarok. Mas deixemos esses assuntos sérios para mais tarde. Você acabou de chegar. Deve estar exausto da viagem. Vamos conversar sobre algo mais ameno, enquanto os robôs cozinheiros programam e imprimem o almoço.

* * *

Depois de quase seis meses à mercê da comida insossa do sintetizador da hipernave, um almoço preparado e impresso na hora por robôs cozinheiros a partir de constituintes orgânicos assume os requintes de um lauto banquete.

Cerca de vinte residentes compartilham dessa primeira refeição comigo. Há outros humanos de mundos de alta gravitação, mas nenhum medeano. Assim que Twoyoungtrees se encarrega das apresentações, acomodamo-nos sobre grandes almofadas em torno de quatro mesas baixas.

Girando em torno das mesas, os robôs preparam e servem diversos pratos apetitosos a partir de grandes tigelas com desenhos estranhos, traçados em padrões intrincados e desconcertantes. Minha cicerone esclarece se tratar de cerâmica nativa, redobrando meu interesse pelas peças. Cerâmica lokii. Quem diria?

Conversamos sobre diversos assuntos. De maneira geral os cientistas do DAE se mostram tão curiosos a meu respeito que mal tenho tempo de formular perguntas sobre os lokii e Ragnarok.

Sou incentivado a falar um bocado sobre os ilianos, a civilização de pseudovertebrados que habita Ílion, antigo satélite de Hércules, que meus antepassados arrancaram de sua órbita no Sistema Zeus quando o primário se tornou instável, e que se encontra presentemente no espaço interestelar, a meio caminho de Oricterope. Lógico que Ílion não está isolada de verdade, pois permanece conectada aos complexos de transepção de matéria existentes em Circe e Medea, os dois planetas habitados de meu sistema. Os humanos de Oricterope visitam seus amigos ilianos sempre que desejam e vice-versa.

Constato mais uma vez que, embora os ilianos sejam lugar-comum para medeanos e circeanos, parecem constituir uma autêntica sensação para os humanos de outros sistemas. Talvez pelo fato de terem evoluído num oceano interior, encerrado por uma casca esférica de gelo com dezenas de quilômetros de espessura, esses pseudovertebrados sejam, de certa forma, as inteligências mais alienígenas com as quais a humanidade já se defrontou.

Atendendo a solicitações, falo um pouco sobre meu trabalho com os respiradores de metano do Aglomerado de Oz, assunto que acaba levantando uma polêmica algo acalorada sobre a possibilidade de superposição das diásporas humana e wizard na periferia.

Daí, Twoyoungtrees consegue acalmar os ânimos ao narrar o caso pitoresco de uma antiga orientadora sua que perdeu mais de meio século de vida ao ter negligenciado a atualização de seus registros no complexo tranceptor de Kalahari. A tal Larissa foi vítima de uma explosão no laboratório em que sua equipe estudava uma consciência artificial gandolphiana. O pior, segundo minha cicerone, é que a humana foi restaurada a partir de um registro antigo, extraído cinquenta e poucos anos antes. Daí, não reconhecia mais o amante pelo qual sua versão mais recente havia se apaixonado profundamente ao longo das décadas posteriores àquela última atualização.

Ao longo da refeição, controlo-me ao máximo para manter a saraivada de perguntas sobre os lokii num patamar socialmente aceitável. Meus interlocutores riem muito, soltam piadas espirituosas sobre os nativos, mas na hora de falar sério desconversam.

Se Twoyoungtrees emprega ou não seus talentos telepáticos para descobrir o quanto a curiosidade me corrói as entranhas é coisa que ignoro. O fato é que por duas vezes me dirige um sorriso zombeteiro muito ligeiro, como se

estivesse se divertindo intensamente com meus esforços para apreender um fragmento qualquer de informação relevante em meio à enxurrada de conversação banal.

* * *

No dia seguinte, visitamos a cidade.

Sinto-me realmente confuso com o espetáculo que presenciemos.

Em primeiro lugar, não é uma cidade. Ao menos, não algo que um arqueólogo humano, grypho ou gandolphiano definisse como tal.

O fenômeno observado neste primeiro sobrevoio de um núcleo lokii é, sob vários aspectos, quase indescritível.

Como a maioria dos cientistas sociais da atualidade, confesso-me chauvinista o bastante para considerar a cidade como uma das manifestações mais rudimentares e primitivas da civilização tecnológica.

Em minha defesa, só posso alegar que os parâmetros comparativos disponíveis me parecem significativos, até hoje. Se não, vejamos: há mais de cento e vinte mil anos que não se ouve falar de uma única comunidade planetária – humana, iliana, grypha, magelânica ou gandolphiana – que resida em núcleos com populações superiores a dois mil habitantes.

Dessa forma, ao saber que iríamos visitar uma autêntica cidade nativa, preparo meu espírito para penetrar num formigueiro arquitetônico caótico e primitivo, composto por “miríades de construções disformes e arruamento distribuído de modo aleatório, desafiando qualquer tentativa para estabelecer uma lei de formação.”

Contudo, não observo nada disso lá embaixo.

Depois de sobrevoar o núcleo lokii por vários minutos a bordo do veículo autopilotado, não resisto mais e me queixo a Twoyoungtrees:

— Isto não é uma cidade.

— Bem, reconheço que é bastante diferente daquilo que costumamos ver nos holodocumentários de proto-história solariana. — Argumenta, sacudindo a longa cabeleira negra com um ar divertido.

— Deveras.

— No entanto, sempre devemos ter em mente que essas estruturas não foram erigidas por mãos humanas, mas sim por tentáculos e probóscides lokii. Não lidamos aqui com uma cultura humana tecnologicamente atrasada. Como os ilianos a seu modo, os lokii são alienígenas em muitos aspectos.

— Estou notando.

O flutuador paira a cerca de cinco quilômetros de altitude. À medida que o sobrevoio prossegue, sinto-me cada vez mais pasmo com o panorama abaixo.

Um único pavimento colossal.

Uma construção monolítica, gigantesca por todas as escalas planetárias humanas e alienígenas conhecidas. Um pavimento circular que se estende quase até o horizonte

em todas as direções, não obstante nossa altitude. Um círculo cuja área total calculo, numa estimativa conservadora, como algo em torno de vinte e cinco mil quilômetros quadrados. Uma circunferência de cento e oitenta quilômetros de diâmetro, constituída inteiramente por um material brilhante de coloração clara e aparência vítrea.

Twoyoungtrees ordena ao veículo que apresente os hologramas da estrutura a partir das imagens captadas por um telescópio que emergiu do casco externo minutos atrás.

Empolgada, a I.A. que pilota o flutuador começa a recitar em tom vivaz:

“O PAVIMENTO TÉRREO É APENAS O TETO, POR ASSIM DIZER, DE UM VASTO MUNDO SUBTERRÂNEO, ONDE ESTÃO INSTALADAS AS FAZENDAS HIDROPÔNICAS E AS CENTRAIS PROCESSADORAS AUTOTRÓFICAS, CAPAZES DE FABRICAR NUTRIENTES A PARTIR DE MATERIAL INORGÂNICO. ABAIXO DESSAS FAZENDAS E CENTRAIS SE LOCALIZA O GRANDE COMPLEXO INDUSTRIAL QUE POSSIBILITA E JUSTIFICA A EXISTÊNCIA DESSE NÚCLEO URBANO.”

Incrível. Jamais tentei imaginar a sério instalações industriais espalhadas sobre uma superfície planetária. Ninguém ignora que esse tipo de coisa já existiu na Velha Terra de cerca de duzentos mil anos atrás, antes dos nossos ancestrais decidirem levar suas indústrias primitivas para os habitats orbitais. Mas confesso que, até hoje, nunca senti curiosidade de assistir os poucos holos sobre o assunto que sobreviveram à época do Holocausto.

Um holograma muito ampliado do complexo térreo começa a girar diante dos nossos olhos. Magnificada dessa forma, a estrutura perde um pouco das suas feições monolíticas.

O programa do flutuador volta a se manifestar:

“POR FAVOR, HENDRIK, OBSERVE AQUELAS CONSTRUÇÕES CILÍNDRICAS QUE ORLAM O CONTORNO DA CIRCUNFERÊNCIA.”

Observo a muralha de cilindros grossos circundando o pavimento praticamente colados uns aos outros. Cada cilindro devia ter mais de um quilômetro de altura.

— São prédios?

“EXATO. EM MÉDIA, ESSES EDIFÍCIOS POSSUEM MIL DUZENTOS E CINQUENTA METROS DE ALTURA E CERCA DE DUZENTOS E CINQUENTA PAVIMENTOS. CADA PAVIMENTO DISPÕE DE UMA ÁREA ÚTIL DE QUATROCENTOS MIL METROS QUADRADOS E UMA POPULAÇÃO MÉDIA DE CINCO MIL INDIVÍDUOS.”

Isto significa que, em apenas uma dessas colunas cilíndricas, deve existir cerca de um milhão, duzentos e cinquenta mil lokii.

— Mas existem centenas de prédios. — Murmuro num gemido incrédulo.

“SETECENTOS E CINQUENTA E QUATRO, PARA SER EXATO.”

— Novecentos e quarenta milhões de habitantes. — Sinto o sangue me fugir às faces, é a primeira vez que essa sensação me acomete em mais de um século. Há um motivo pertinente para o meu espanto. Naqueles prédios lá embaixo há o equivalente em lokii a mais de trinta vezes a população da Terra, o mundo mais populoso da Confederação.

— Isto mesmo. — Twoyoungtrees acena com a cabeça, concordando com ar de enfado. — Tem ideia de quantos núcleos como este existem em Ragnarok?

— De doze a quinze, tomando este aí embaixo como núcleo médio em termos de população.

— Errou por muito.

“MIL, SETECENTOS E SETENTA E TRÊS JÁ HABITADOS. QUATROCENTOS E TRINTA E SETE, EM DIVERSOS ESTÁGIOS DE CONSTRUÇÃO.” — O programa tenta emular um tom pretensamente casual. Depois de uma pausa de alguns segundos, não se fazendo de rogada, a IA voluntariosa acrescenta — “A PROPÓSITO, A POPULAÇÃO TOTAL DE RAGNAROK É DE CERCA DE UM TRILHÃO, SEISCENTOS E SETENTA BILHÕES DE LOKII. TROCANDO EM MIÚDOS: HÁ QUASE CEM VEZES MAIS LOKII NESTA ÚNICA SUPERFÍCIE PLANETÁRIA DO QUE HUMANOS ESPALHADOS POR TODA A PERIFERIA CONHECIDA.”

— Isto é absurdo. Uma mísera biosfera não suportaria uma população tão gigantesca. A Terra, com menos de vinte e cinco bilhões...

— É neste ponto que você se engana. — Minha cicerone interrompe a crítica já esperada da parte de qualquer recém-chegado a Ragnarok. — Está pensando novamente na Velha Terra de duzentos e poucos milênios atrás. Primitiva, dividida em centenas de nações e, de fato, com vinte e cinco bilhões de habitantes.

— Eu sei que...

— Permita-me concluir o raciocínio. A Terra pré-Holocausto não pôde suportar uma população daquelas. Não havia governo mundial, nem tecnologia necessária para sequer tentar sustentar tanta gente. Mas, em Ragnarok, os lokii há muito não guerreiam entre si. Não houve grandes problemas quando decidiram pela unificação política sob um governo planetário.

— Imagino que também devam dominar técnicas de engenharia ambiental desconhecidas dos antigos humanos solarianos.

— De fato. Eles conseguem extrair tudo que seus habitats têm a oferecer de forma autossustentável e, sobretudo, eles são lokii e não humanos.

— Mas, quase dois trilhões de indivíduos e eles são tão primitivos.

— Quem lhe incutiu tal falácia? Um desses robozinhos idiotas, por certo.

— Bom, ninguém em particular. É que eles sequer possuem uma tecnologia espacial rudimentar e vivem aglomerados em cidades de centenas de milhões de indivíduos.

Ela abre a boca, não sei se espantada ou indignada com minha atitude. Tenta falar. Não o consegue de imediato. Agora sim, seus olhos negros brilham de indignação.

— Isto é chauvinismo humano, Hendrik. — Ela articula, quando finalmente recobra o fôlego. — Você, melhor que ninguém, deveria saber, pelas suas especializações, que não é sensato julgar uma cultura alienígena aplicando normas humanas como padrão.

— Não estou me baseando apenas nas normas humanas. — Esgrimo sem grande convicção. — Mas nos elementos comuns existentes entre elas e as normas culturais de todas as sociedades alienígenas com as quais já travamos contato. A cidade edificada a céu aberto no interior de uma biosfera planetária ecologicamente viável é um desperdício típico das formações sociais mais primitivas.

— Ah, a voz da autoridade. Nem parece o xenossociólogo renomado e o investigador cultural perspicaz de quem ouvi falar. Considerar os lokii primitivos pelo fato de viverem em megalópoles e não possuírem tecnologia para sair de Asgard é o tipo de argumento falaz que considero especialmente perigoso. Pois, por analogia, seríamos forçados a aceitar a contrapartida loki: os humanos devem ser considerados primitivos porque são péssimos sociólogos, filósofos medíocres e possuem um espírito tão obtuso a ponto de só serem capazes de se expressar num único idioma rudimentar.

— Não somos tão ruins assim. Nem em filosofia, nem em sociologia experimental.

— Bem, os lokii se julgam bem melhores que nós nessas áreas e, de modo geral, nossos especialistas tendem a concordar com a opinião deles. Mas o ponto não é este. Só estou querendo reforçar o óbvio. Eles não são primitivos. São alienígenas. Seu desenvolvimento cultural trilhou caminhos diversos dos explorados pela humanidade ou por qualquer outra civilização técnica que conhecemos.

Penso sobre o assunto. É claro. Ela está certa.

Desde o início da diáspora estelar, talvez em consequência do próprio Holocausto, nossas formações sociais floresceram sob regimes de baixa densidade demográfica quando comparados com o padrão existente na Velha Terra da fase monoplanetária.

— Em Ragnarok, ao que parece, — arrisco — os lokii obtiveram a unificação política da espécie sob um governo planetário num período histórico consideravelmente remoto, impedindo a ocorrência de um eventual holocausto.

— Suposição correta. Mais algum palpite acertado?

— Vamos ver. Há quanto tempo os lokii desenvolveram a escrita?

— Há uns oitenta, cem mil anos. Eles próprios não sabem ao certo.

— Digamos, cem milênios. E, no entanto, ainda não conseguiram se libertar da gravitação de seu mundo. — Então, atino com o óbvio. — Pensando bem, não é de espantar tanto assim, considerando a ausência de satélites naturais e o fato de que a superfície do planeta está sempre

encoberta por um manto de nuvens. Durante as manobras orbitais da hipernave, não pude deixar de observar a inexistência de planetas próximos a Ragnarok. Sempre pensei que houvessem outros planetas em Asgard.

— E há, de certa forma. O planeta asgardiano mais próximo de Ragnarok dista cerca de dois meses-luz daqui.

— Tão longe assim?

— Asgard faz parte de um sistema binário. Ragnarok orbita solitário em torno do primário, Asgard “A”. A estrela companheira, uma anã laranja de tipo espectral K0, possui um séquito de três planetas.

— Os lokii sabem da existência desses planetas?

— Agora sabem. Algum robô tagarela deve ter dado com a língua nos dentes.

* * *

Como bom conhecedor da natureza humana, o flutuador interpreta o silêncio que se estabeleceu minutos atrás como um indício seguro de que deve regressar à Embaixada.

Apesar de instrutiva, a aula prática ministrada por Twoyoungtrees e pela I.A. do flutuador não esclareceu a questão crucial de Ragnarok: qual é o motivo real deste meio milênio de quarentena?

Para evitar a intromissão de uma ou mais I.A. voluntárias, só volto a abordar o assunto quando já estamos de novo instalados nas almofadas largas e confortáveis do gabinete dela. Mesmo sentado em frente a Twoyoungtrees com duas almofadas de vantagem, ainda preciso erguer a cabeça um pouquinho para fitá-la nos olhos. Ante a importância da questão a ser tratada, nem me importo se ela está vasculhando minha mente ou não.

— Para que o Departamento necessita de um xenólogo civil em Ragnarok? Tenho a impressão de que vocês já executaram todo o trabalho fundamental.

— Direto ao ponto, não é? — Ela abre um sorriso cativante. — Está bem, garoto. Vamos lá. Precisamos de você por dois motivos principais. O primeiro e mais óbvio é diminuir a gritaria da comunidade científica indignada com a quarentena. Porém, o motivo mais importante é que precisamos de alguém de fora, para nos auxiliar a esclarecer para o grande público o teor da ameaça potencial existente neste planeta.

— Lokii e o seu Ragnarok.

— Exato. Conosco no papel dos deuses, é claro.

— Não é a primeira vez que ouço essa insinuação de que os lokii representariam uma ameaça à diáspora humana.

— É mesmo? — Outro sorriso. Cínico, desta vez. — E o que achou dela?

— Sempre achei que era papo-furado. Concordo que possuem um potencial gigantesco. Edificar uma sociedade planetária com mais de um trilhão e meio de indivíduos é uma proeza em si admirável.

— Só que você ainda não percebeu onde reside a ameaça

ça à humanidade, certo?

— Justo.

— Bem, ao longo dos últimos quinze milênios a nossa taxa de crescimento populacional tem sido estimada como algo em torno de um por cento. Isto é, um por cento ao milênio, não é?

— Ao milênio, é lógico.

— Pois bem. Aqui em Ragnarok, a taxa de crescimento demográfico dos autóctones é de cerca de um e meio por cento. Anual.

— Isto é impossível.

— Você acha? Lembre-se da Velha Terra. Quando chegamos aqui, as taxas de natalidade e mortalidade dos lokii mais ou menos se contrabalançavam e a população crescia muito lentamente. Com os avanços da medicina inadvertidamente proporcionados por aquele primeiro emissário ingênuo a título de política de boa vizinhança, a mortalidade caiu de forma drástica nos últimos séculos e a taxa de natalidade permaneceu quase constante. Não que os lokii não fossem conquistar esses avanços mais cedo ou mais tarde mesmo sem o nosso auxílio, mas o caso é que o processo acelerou bastante.

— O que você quer dizer com “nos últimos séculos”?

— Embora a análise final do emissário já previsse essa tendência, por causa dos avanços médicos, a discrepância entre as taxas de natalidade e mortalidade só assumiu as proporções assustadoras atuais nos últimos dois séculos.

— Não entendo. Um crescimento vertiginoso como esse, mesmo sob a égide de um governo planetário, deveria acarretar um holocausto.

— Ah, mas eles são lokii e não humanos, se esqueceu? Descendem de animais sociais que viviam em colônias algo semelhantes às dos cães-da-pradaria terrígenas. Há dois séculos a população era de oitenta e cinco bilhões. Apenas vinte por cento superior à da época do contato.

— E essa taxa absurda de um e meio por cento anual tem se mantido constante desde então?

— Aproximadamente.

— Fantástico. Mas eu ainda...

— Eu sei, eu sei. — A paciência didática que noto em seu tom de voz me leva a suspeitar que não é a primeira vez que ela fornece uma explicação desse tipo a um xenólogo recém-chegado. — Demora um pouco a se perceber o óbvio.

— Que tal você esclarecer tudo de uma vez? — Propinho, irritado.

— Tudo bem. Lembra do princípio fundamental de Frejka?

— Claro. — Frejka está nos genes. É desses ensinamentos tão básicos que não é preciso nem consultar o módulo-biblioteca. — Mas não sei o que...

Um arrepio gelado me percorre a medula de cima a baixo.

— Não pode ser.

Desnorteadado com meu estado emocional, o implante

acaba decidindo interpretar como incredulidade a minha recusa instintiva em aceitar essa situação absurda. Ato contínuo, enuncia o princípio de Frejka no tom neutro que costuma empregar quando explica algo que julga que eu já deveria saber:

“TODA E QUALQUER POPULAÇÃO SUJEITA A LIMITES TERRITORIAIS FIXOS DEVE PARAR DE CRESCER A LONGO PRAZO, A MENOS QUE SE MODIFIQUE TAIS LIMITES.”

Twoyoungtrees solta uma risadinha sacana.

— Você também ouviu meu implante, não é?

Ela assente, sem me fitar nos olhos. Surpreendida, nem sequer tenta negar a quebra de etiqueta. Imagino que esteja se sentindo envergonhada ao ser flagrada em pleno ato de intromissão telepática.

— Então, os lokii pretendem expandir os limites de seu território? — Disparo, sem lhe conceder o tempo necessário para aplacar seu pudor bobo. E, embora já imagine a resposta, insisto — Para onde?

— Nas duas próximas gerações, para os vastos e quase inexplorados oceanos deste mundo. Depois disso, para o espaço interplanetário e para os planetas de Asgard “B”. Lógico que isso será apenas o início. Como costuma ocorrer com criaturas de vida efêmera, as gerações lokii duram pouco e se sucedem umas às outras com celeridade vertiginosa.

— Pelo visto, imagino que jamais cogitaram controlar a natalidade.

— O controle demográfico constituiria uma violação frontal de vários dos seus postulados filosóficos mais caros. Isto para não falar de seus preceitos éticos e dogmas religiosos. Afirmam que um controle populacional rígido traria estagnação à sua cultura. E quem somos nós para discutir com sociólogos capazes de gerenciar os problemas inerentes a uma sociedade planetária de quase dois trilhões de indivíduos?

— E, no então, eles terão que adotar o controle. Ou, cedo ou tarde, inundarão a periferia galáctica. — Suspiro, tentando não soar exasperado. A situação é tão absurda que não sei o que pensar ao certo. — Devíamos desprogramar a I.A. idiota que lhes revelou a existência dos planetas dessa estrela companheira.

— Isto não iria mudar nada, agora. De qualquer modo, eles iam acabar descobrindo por si próprios.

— Não sei nada sobre a fisiologia dos lokii, mas presumo possam residir em qualquer habitat natural, terraformado ou artificial capaz de sustentar vida humana.

— Sua presunção é, grosso modo, correta. Sob alguns aspectos são até mais adaptáveis do que nós.

— Irão se espalhar galáxia afora, como nós próprios o temos feito nos últimos cento e noventa mil anos, ocupando todos os nichos estelares e planetários disponíveis.

— Não, Hendrik. Não como nós. Com uma taxa de crescimento anual de um e meio por cento, sua população quadruplica em menos de um século. Hoje já existem

muito mais lokii aqui em Ragnarok do que humanos espalhados por toda a periferia galáctica. Se permitirmos, eles tomarão a Via Láctea de assalto. Um ou dois séculos depois do início de uma diáspora loki, a situação já nos terá fugido inteiramente ao controle.

— E daí? O que eles poderão fazer contra nós? Em termos de tecnologia física estamos dezenas de milênios à sua frente. Temos as hipernaves, as máquinas autorreplicantes, os complexos de transcepção de matéria, imortalidade e muito mais.

— Sei o que está pensando.

— Não me diga.

— Estou falando sério. — Ela me lança um olhar de soslaio. — Julga que não haverá problema, pelo fato de podermos nos mover mais rápido que eles, não é?

— Está bem. É isto. Ademais, a ideia de um conflito interestelar é simplesmente ridícula. Veja o nosso caso de antipatia mútua com os gandolphianos. Temos as nossas diferenças há mais de cem milênios, e nem por isso deixamos de nos portar como criaturas civilizadas. É bem verdade que quase chegamos às vias de fato no primeiro milênio pós-contato, mas logo superamos aquela fase crítica.

— Não estou me referindo à guerra. — Ela suspira com ar de enfado. — Concordo que o conceito já era ultrapassado desde o fim do estágio monoplanetário. O caso é que daqui a um ou dois milênios os lokii nem precisariam de uma guerra para nos derrotar. Seríamos esmagados por seus números absolutos absurdos. Manteríamos os sistemas que já ocupamos, mas seria o fim da diáspora humana.

— Estou começando a entender. Embora uma guerra interestelar seja inconcebível, o mesmo não ocorre com a disputa civilizada de duas culturas tecnológicas por recursos e nichos estelares que ambas julguem vitais. O processo todo ocorreria com a máxima cordialidade, mas ainda assim seríamos esmagados pela superioridade numérica deles.

— Não estaríamos sozinhos neste apuro. — Após pensar no assunto por alguns instantes, acrescenta — Mas talvez a bomba acabe estourando em nossas mãos. Não vejo o que os ilianos poderiam fazer. Os magelânicos estão longe demais para se preocupar com uma eventual expansão loki. Os gryphos são uma incógnita. Solicitar auxílio aos gandolphianos, só em último caso. Quanto aos wizards, mesmo se fossem capazes de prestar apoio, não creio que se mostrassem interessados em evitar a expansão loki. Afinal, não é exatamente o nicho estelar dos respiradores de metano que se encontra ameaçado.

— E o mesmo deve se aplicar às potestades de Greenhell. Embora pareça certo que elas poderiam estancar a expansão loki, caso decidissem fazê-lo.

— Ah, Hendrik, não podemos confiar na boa vontade de entidades que nos consideram pouco mais que insetos sociais. Segundo nos consta, esses caras já singravam o hiperespaço quando a Terra ainda estava no Pré-Cambriano. Os gandolphianos não mentiram quando afirmaram que as

tais criaturas rejeitaram todas as tentativas de contato com a escusa que poderíamos traduzir livremente como “Voltem a nos visitar daqui a cinco ou dez milhões de anos.”

— Bem, diante deste argumento, — pondero, — somos levados à conclusão de que somente nós estamos aptos e dispostos a impedir que o Loki se torne a forma racional dominante da Via Láctea no próximo milhão de anos.

— Exato. Não se trata de nível tecnológico, mas da mera força dos números.

A questão foi colocada de um modo bem simples.

Cabe à humanidade evitar que a expansão loki ocupe todos os sistemas aonde ainda não existem culturas de âmbito estelar. Se permitirmos que desenvolvam as técnicas de navegação relativística ou hiperluz, estaremos abrindo mão num futuro não muito distante de toda e qualquer pretensão de explorar, quanto mais habitar, novos sistemas.

Dentro de um mísero século eles serão oitenta vezes mais numerosos do que nós. Em dois, haverá trezentos e vinte vezes mais lokii do que humanos na periferia.

Tentar aumentar nossa população numa taxa tão furiosa quanto a deles, a fim de lhes disputar os nichos estelares palmo a palmo, está fora de cogitação. Porque uma estratégia desse tipo só serviria para infectar nossas instituições sociais com um mal muito pior que o fim da diáspora. Procriar como os lokii destruiria por completo o estilo de vida que estabelecemos ao longo de quase duzentos milênios.

Apreciamos muito o fato de podermos viver tanto quanto desejamos, ao contrário do que ocorre com os lokii, gandolphianos ou ilianos. Antes do confronto com os lokii, eu nunca havia percebido que um curso de vida extenso poderia representar uma desvantagem para a espécie como um todo. Pois, a própria longevidade extrema torna virtualmente impossível alterar nosso modo de vida de forma radical dentro do intervalo exíguo de uns poucos séculos.

Quando o curso de nossas vidas era curto como o dos lokii, sofríamos uma pressão idêntica no sentido de que as ações pessoais e decisões históricas fossem efetuadas de imediato, quase como que por ato reflexo.

É claro, os representantes de uma cultura madura sabem que todas as decisões e ações realmente importantes podem ser previstas com antecedência e executadas conforme o planejado. Quase todas.

De qualquer forma, não podemos e nem desejamos mudar a nossa maneira de ser.

* * *

Faz três meses-padrão que descii a Ragnarok.

Ainda não consegui decidir que papel assumir na trama complexa que o DAE deverá articular quando chegar o momento de divulgar à humanidade o dilema da explosão demográfica loki.

Penso nos lokii e em suas instituições sociais tão voláteis quanto os rolos de fumaça castanha e espessa que constituem os habitats wizards. Os nativos de Ragnarok

possuem cursos de vida efêmeros. São poucos os que sobrevivem além do segundo século.

Por isso, conseguem alterar suas estruturas sociais tão rápido. Os lokii atuais sentem um orgulho tremendo por suas cidades colossais. Cultivam uma certeza absoluta de que seus filhos e netos preencherão todos os vastos oceanos de Ragnarok dentro de um século ou dois, ao mais tardar.

E fé inabalável de que seus bisnetos conquistarão o espaço.

Um cenário tétrico do ponto de vista da humanidade.

Do topo de uma pilha de almofadas no gabinete de Twoyoungtrees, inicio o meu ataque ao dilema ético que nos foi imposto pelos lokii. A questão crucial que motivou a quarentena.

— Imagino que o Departamento não vá permanecer de braços cruzados, à espera de que a expansão loki atrolepe nossa diáspora.

— Claro que não. — A pesquisadora do DAE me observa com o olhar profundo que sempre me faz desconfiar que está esquadrinhando minha mente. Outra vez. Percebendo o que se passa em meu íntimo, quer por telepatia ou através da interpretação do meu semblante, solta um risinho e então prossegue. — Bem, ambos concordamos que há uma montanha de problemas éticos envolvidos em qualquer proposta hipotética de intervenção humana na cultura loki. Independentemente da abordagem que adotemos, como se costumava dizer no passado, estaríamos “pisando em ovos”. Claramente fora de nossas prerrogativas.

— Não sei quanto a vocês aqui em Ragnarok, mas, lá em Oricterope, admitimos a existência de uma lei tácita, algo que aprendemos do nosso convívio íntimo com os ilianos. Uma lei jamais escrita e só raramente mencionada, que afirma que nós humanos não temos o direito de tolher o desenvolvimento de uma civilização alienígena.

— Tudo bem. — Ela concorda com um aceno abatedo. — Contudo, não obstante todos os ditames de nossas consciências, caso necessário, devemos estar preparados para o pior.

— Não gosto de pensar nestes termos. — Replico com o intuito de ganhar tempo, a fim de sedimentar melhor o meu ponto de vista. Tenho a impressão de que não conseguiria mais me encarar como uma pessoa civilizada, caso tomasse parte na obliteração da cultura loki.

— Ah, não gosta? Falar é fácil. Como você acha que eu me sinto? Fiz parte da primeira leva de especialistas que aterrou em Ragnarok. Convivo pessoalmente com os lokii há mais de quatro séculos. São seres adoráveis, entidades sensíveis e inteligentes. Porém, entre eles e a humanidade, a escolha é clara.

— Só agora eu compreendo a necessidade da quarentena em torno de Asgard. Se a verdade vier a público com um enfoque distorcido, o pior acabará acontecendo. Mais século, menos século, uma ou outra sociedade humana mais atrasada e radical enviará uma punhado de belonaves

capaz de varrer Ragnarok da periferia galáctica. O Loki será extinto, antes que o Conselho da Confederação possa ao menos se pronunciar sobre o problema.

— Treme sempre que penso nesta possibilidade. — Ela toca as têmporas com as pontas dos dedos longos e esguios que despontam das mãos pequenas, aflita só em cogitar a hipótese. — Espero sinceramente que isto jamais ocorra. Porque, se depois de mais de duzentos mil anos de história documentada, ainda não soubermos como agir de forma civilizada perante um problema moral desse calibre, então talvez seja de fato melhor substituir a diáspora humana pela expansão loki.

— Sendo assim, o que exatamente o Departamento tem em mente?

— Numa primeira instância, impedir que os lokii saiam de Ragnarok até terem concordado em estabilizar o seu crescimento populacional em níveis que consideremos aceitáveis. Não nos importamos que existam, digamos, trinta, cinquenta vezes mais lokii do que humanos. A periferia é grande o suficiente para todos. Só pretendemos que ela continue assim.

— Em suma, segundo o DAE devemos forçá-los a adotar nosso estilo de vida. Formações sociais estáveis, de densidade demográfica reduzida, compostas por indivíduos cujas expectativas de vida sejam bem superiores à de um loki atual, não é?

— Em termos gerais, é isto.

— E o que os lokii pensam a respeito?

— Ignoram nossas intenções. Repare que eles já possuem vários satélites artificiais em órbita, e diversos projetos de espaçonaves tripuladas. Ao contrário do que ocorre em outros campos, não lhes prestamos auxílio algum em termos de astronáutica e pesquisa espacial. Por outro lado, não fizemos nada para desencorajá-los. Ainda.

Medito sobre as relações francas e cordiais há muito estabelecidas com os lokii. Estão inteiramente acostumados conosco. Uma reação compreensível, quando lembro que os últimos lokii nascidos antes da nossa chegada já morreram há cerca de três séculos.

Constituímos lugar-comum. Presenças triviais. Fazemos parte da paisagem, por assim dizer. Os textos literários e demais manifestações artísticas autóctones fazem referências frequentes aos humanos – fato em princípio desconcertante para o recém-chegado. Não raro, um estudioso loki agenda um encontro na Embaixada com especialistas humanos, em busca de conhecimento técnico ou aconselhamento específico sobre uma ou outra questão relevante.

Há dezenas de especialistas humanos lecionando em estabelecimentos de ensino lokii. Outros frequentam cursos simplificados de Filosofia ou Sociologia preparados especialmente para nós.

Twoyoungtrees gasta algum tempo me explicando que os humanos residentes fazem o possível para dissimular seus conhecimentos e até seu comportamento nos contatos

cotidianos com os lokii. Embora em Ragnarok a análise comportamental ainda não tenha alcançado o status de disciplina científica, os lokii são considerados praticantes exímios e entusiásticos dessa arte refinada, possuindo até mesmo alguns complexos computacionais, algo rudimentares, mas extremamente bem adaptados à tarefa de tentar prever as reações e motivações humanas.

Depois do susto que os ilianos nos pregaram em Zeus há menos de dois milênios, não me surpreendo nem um pouco pelo fato de o Departamento não julgar adequado que os lokii descubram com antecedência o que planejamos para a civilização deles.

Mesmo a contragosto, tendo a concordar com essa política. Afinal, aprendemos da pior maneira possível com os antigos Anciãos de Ílion que as sociedades compostas por indivíduos efêmeros são capazes de mudar a direção de seu desenvolvimento cultural num piscar de olhos. De maneira geral, as formações sociais desse tipo costumam exibir reações rápidas, por assim dizer.

Mais tarde, tive oportunidade de constatar pessoalmente que, também como indivíduos, os lokii costumam reagir muito rápido.

* * *

— Afinal, que papel o DAE espera que eu assumo no processo de divulgação gradativa da ameaça dos lokii?

— Precisamos do parecer honesto de um xenólogo de reputação incontestável não-vinculado ao Departamento para nos ajudar a convencer a opinião pública e o Conselho de que dispomos da competência necessária para continuar gerenciando a questão loki sozinhos.

— Muito lisonjeiro. Não é a mim que querem, mas minha reputação. Caso eu recuse a proposta, vocês exigirão que eu honre o compromisso de sigilo que assumi no escuro e passarão ao próximo da lista, não é assim?

— Exato.

— Admitindo que aceite, o que tenho a ganhar com isso?

— Não sei, Hendrik. — Ela demonstra surpresa genuína com a minha pergunta. — Ninguém pensou que você almejasse auferir ganhos nesta crise. Quem sabe se você não se satisfaz em assumir os créditos sobre os resultados das pesquisas que não pudemos divulgar até hoje. Poderá publicá-los em seu nome tão logo levantemos a quarentena.

Diante do meu cenho franzido, ela percebe que não achei graça alguma da brincadeira.

Ah, esses kalaharianos. Sentem-se perdidos quando não podem empregar sua telepatia. De pé em meu ambiente de trabalho, ela recua um passo.

— Sempre imaginamos que a certeza de estar tomando a atitude correta lhe bastasse.

— Está bem, eu aceito. — Deixo que ela suspire de alívio, antes de lançar a bomba — Com uma condição.

— Qualquer coisa razoável.

— Persuadir o DAE e o Conselho será moleza.

— Sua autoconfiança é um bálsamo para as minhas inquietações.

— O que eu realmente pretendo é permanecer em Ragnarok e ajudar a convencer os lokii a adotar um sistema de controle populacional.

— Se isto é tudo o que deseja, considere sua condição aceita. Mas, por quê?

— Para estudá-los e aprender como eles realmente pensam.

— Nós já fizemos isto durante os últimos quinhentos anos.

— É diferente. Durante todo esse tempo vocês estudaram os lokii exaustivamente do ponto de vista humano. Analisaram sua história, sua tecnologia e a sua evolução. Mas, ao que me consta, ninguém se preocupou em estudá-los sob o prisma deles próprios.

— Estudar os lokii sob o prisma deles? Seja mais específico.

— Estudar a fundo com eles as disciplinas da área sociológica em que eles se mostram nitidamente superiores a nós. Veja bem, não estou me referindo a efetuar um ou dois cursos expeditos de uns poucos anos numa das universidades lokii. Falo de um programa que, em última análise, pudesse ensinar um humano a pensar como um loki. Um programa que começaria por apreender pessoalmente as nuances e sutilezas dos seus vários idiomas, para poder ingressar no seu sistema de ensino regular e então aprender como um autóctone essas mesmas disciplinas que os capacitam a administrar uma população planetária de quase dois trilhões de indivíduos.

— Isto levaria décadas, séculos talvez. E não há a menor garantia de que um humano seja capaz de aprender o suficiente pelos métodos de ensino alienígenas que eles adotam.

— Assumo o risco.

— Está se oferecendo como voluntário?

— É a minha proposta. Coloco minha reputação a serviço das teses defendidas pelo Departamento. Direi exatamente aquilo que os seus especialistas em marketing político e social julgam mais adequado para convencer o Conselho, a comunidade científica e o grande público.

— E, em troca? — Ela suspira, mal contendo o sorriso.

— Vocês vão mexer seus pauzinhos para conseguir uma autorização dos lokii para que eu estude em suas universidades, o que eu quiser, pelo tempo que eu julgar necessário. Também deverão me fornecer de imediato todo o equipamento de apoio e as facilidades que eu julgar necessário, no sentido de acelerar minha aprendizagem.

— Hum, parece justo. Afinal, a vida é sua, meu caro. Desperdice-a como desejar. — Ela me examina com um olhar profundo. Imagino que esteja lutando novamente contra a tentação de me vasculhar o espírito. — Acho que podemos considerar o negócio fechado.

Twoyoungtrees de Kalahari

Setenta e nove anos se passaram desde a chegada de Hendrik.

Hoje existem quase dois trilhões de lokii em Ragnarok.

A população planetária somaria bem mais de cinco trilhões, se nossa política não houvesse sido bem-sucedida.

A taxa de crescimento demográfico atual é de cerca de ponto um por cento ao ano e caindo. Os estadistas lokii pretendem estabilizar a população dentro em trinta anos, na meta de dois trilhões e duzentos bilhões de indivíduos.

Chegou a época de Hendrik regressar a Oricterope. Depois deste tempo de convívio com o Baixinho, sinto-me triste e saudosa com sua partida iminente. Essas oito décadas de trabalho lado a lado nos transformaram em bons amigos. Íntimos.

Hendrik cumpriu sua parte no acordo. Em realidade, fez bem mais do que o Departamento esperava dele. Com seu auxílio, foi fácil convencer o Conselho e as comunidades científicas. Uma vez persuadidas, essas últimas se encarregaram da opinião pública.

Com o beneplácito do Conselho e o respaldo das comunidades científicas, o DAE pôde enfim levar avante sua estratégia-relâmpago de confrontação.

Quando a nova blitzkrieg política foi implementada, surgiu a necessidade de selecionar alguém para explicar a resolução humana aos lokii. Hendrik foi a escolha natural. Então no décimo segundo ano de Sociologia numa universidade autóctone, o medeano era o que possuíamos de mais próximo a um humano capaz de dialogar com os lokii de igual para igual.

Do encontro a portas fechadas entre Hendrik e 1.352.754.227.003 – codinome “PhDoc” para a maioria dos humanos residentes – quase nada se soube de concreto. Nada transpirou daquela sala de reuniões discreta confeccionada na Embaixada especialmente para o encontro. Ventilou-se muitas lendas a respeito, é claro.

Por exigência do próprio Hendrik, ele e o loki se reuniram sozinhos numa sala à prova de som. Nada foi visto, ouvido ou documentado. Não se tomou registro algum para a posteridade. Apenas uma mesa e uma poltrona para Hendrik. Não foi preciso assento ou pódio para PhDoc, visto que a postura natural de repouso dos lokii é o agachamento ligeiro sobre a miríade de tentáculos-proboscídes locomotores minúsculos – posição que lhes reduz a altura em cerca de cinco ou dez centímetros. Também não houve necessidade do kit de tradução simultânea. Pois, à época, o Baixinho já articulava os idiomas lokii com fluência para lá de razoável.

Permaneci numa vigília ansiosa na antessala durante as seis horas em que aquela reunião crucial transcorreu. Nada do que negociaram vazou para o DAE. Teria dado um milênio da minha vida imortal para ter presenciado a conversa.

Do nosso lado, houve Hendrik, meu Baixinho querido, compacto em sua estatura infantil e mais musculoso que um gandolphiano, como costumam ser os cidadãos dos mundos de gravitação elevada. Xenólogo brilhante e estudante dedicado em vários cursos de sociologia e filosofia nas universidades nativas.

Em pé, do lado oposto da mesa, defendendo os interesses lokii, esteve PhDoc, estadista experimentado e, na opinião abalizada de Hendrik, o maior filósofo da história dos lokii. Como todo autóctone, suas formas se assemelhavam às de um bloco cilíndrico coriáceo maciço de cento e sessenta centímetros de altura por noventa centímetros de diâmetro. Massa aproximada de novecentos quilogramas. Sete tentáculos manipuladores; três aparelhos oculares pedunculares similares aos dos crustáceos terrígenas; endo e exoesqueletos. Ou seja, um loki típico.

O que teria de fato ocorrido no interior daquela sala? Um duelo de titãs, ou apenas o diálogo amigável entre um venerando mestre loki e seu discípulo humano mais aplicado?

O colóquio se deu há coisa de sessenta e cinco anos. No entanto, dispenso o auxílio do implante mnemônico para rememorar todos os detalhes, desde os preparativos que possibilitaram o encontro até suas consequências de curto prazo, como se tudo houvesse ocorrido ontem.

Hendrik havia sido instruído a propor um controle de natalidade rigoroso aos lokii e a ser muito, muito paciente, uma vez que julgávamos que aquele seria tão só a orquestração das jogadas de abertura num xadrez diplomático prolongado.

Apenas se e quando os lokii concordassem, ser-lhes-ia concedida permissão para deixar Ragnarok. Para chegar a um acordo factível, estávamos até mesmo dispostos a lhes prestar o auxílio tecnológico que proporcionaria um avanço considerável aos futuros projetistas lokii de naves estelares lentas. Sabíamos estar impondo uma espécie de Lei do Mais Forte. Mas inferíamos que a própria sobrevivência da humanidade a longo prazo estivesse em jogo.

Com denodo e paciência, o Departamento de Assuntos Extra-Humanos se preparou para mais de um século de negociações.

Hendrik resolveu o problema todo com umas poucas horas de bate-papo.

Nenhum analista social do DAE ousara ser tão otimista.

Quanto aos argumentos empregados, Hendrik não os revelou nem mesmo a mim. Uma única vez, décadas mais tarde, numa daquelas conversas que costumam fluir soltas após uma sessão relaxante de amor e sexo, meu jovem amante brilhante confidenciou em voz sonolenta que os lokii não tiveram a menor chance, visto terem sido ameaçados com a maior de todas as dádivas. Uma oferenda que, conquanto ainda não estivessem aptos a usufruir, deveriam ser capazes de adquirir sozinhos num futuro não muito remoto, ao menos do nosso ponto de vista.

Quando insisti para que deixasse de rodeios e esclare-

cesse logo o mistério, fingiu-se de adormecido. Só que o bloqueio telepático que eu lhe ensinara a erigir décadas antes permaneceu tão ativo e sólido quanto em seu estado de vigília mais rutilante.

* * *

Afinal, chega o dia do regresso de Hendrik a Oricterope.

Caminhamos juntos de mãos dadas até a plataforma de aterragem, onde o transporte orbital o aguarda. As condições da quarentena foram relaxadas três décadas atrás. Por isto, o Baixinho poderá regressar a seu sistema através do transceptor de matéria. Um complexo recém-instalado por segurança a dez horas-luz da órbita de Ragnarok.

Quando me curvo para abraçá-lo, ele corresponde ao meu amplexo. Desajeitado como de hábito, afunda a testa larga entre meus seios. Acarício os cabelos de sua nuca.

— E então, meu querido? — Sussurro em seu ouvido. — Não vai mesmo contar para sua velha Too-Oldie, como logrou manipular aquele sábio-estadista lokii?

— Só se prometer deixar o Departamento fora disso.

— As condições de Hendrik. — Suspiro, resignada. — Está bem. Eu prometo.

— Ah, e obrigado por nunca ter insistido no assunto. Telepaticamente.

— Está me deixando cada vez mais curiosa. E você sabe que assim vou acabar cedendo à tentação.

— Calma. — Meu jovem amante acena, sorridente. — Recorde que eu disse uma vez que, para convencer os lokii, eu lhes acenei com algo que seria uma dádiva maravilhosa para eles, como indivíduos, mas que também constituiria a ruína para a espécie.

— Mais uma de suas charadas infantis. E daí?

Lamento a réplica grosseira tão logo ela cruza meus lábios.

Afasta-se um pouco e me olha de baixo para cima com sua expressão de garotinho magoado característica.

Engraçado. No início do nosso relacionamento, imaginei que o maior obstáculo seria a desproporção entre as nossas estaturas e morfologias, e não nossa diferença de idade. Tolice a minha pensar que setenta e poucos centímetros de altura a mais e uns oitenta quilogramas a menos fossem pesar mais do que dois milênios.

Porém, lá no fundo, entendemos a mágoa um do outro muito bem. Ele almeja que vá consigo para Oricterope. Eu desejo que ele permaneça comigo em Asgard.

Correspondo ao seu olhar. Já não há mágoa em seu semblante, apenas carinho, quando esclarece:

— Se chegou a ser uma charada, foi das mais simples. Pense bem. Se os lokii não houvessem aceito o controle de natalidade que lhes sugerimos, nós os iríamos manter restritos à superfície de Ragnarok, não é? — Quando assinto, ele prossegue. — Pois bem, imagine o que aconteceria com essa população imensa se, uma vez confinada, nós lhes concedêssemos a imortalidade relativa sem qualquer

exigência de contrapartida.

— A taxa de crescimento demográfico se elevaria de forma tão vertiginosa que em breve não haveria recursos para todos.

— Exato. Aí, então, talvez eles desfrutassem do seu próprio holocausto.

— É bem provável que sim. — Assinto. — Só não entendendo o que essa hipótese maluca de concessão de imortalidade teria a ver com o dilema.

— Pois foi exatamente esta a escolha que lhes impus. A humanidade forçaria o Loki à escolha obrigatória de um dentre dois presentes que seriam ofertados à espécie: a imortalidade ou nossa permissão para sair de Ragnarok. Se optassem pelo curso de vida extremamente longo, não lhes exigiríamos nada em troca. Contudo, se escolhessem a conquista do espaço e a colonização de outros sistemas estelares, haveria uma condição prévia a cumprir: a execução de um controle de natalidade rigoroso.

— É um belo exercício teórico, meu querido. O tipo exato de argumento filosófico intrincado que os lokii adoram discutir. Porém, na prática, seria impossível implementar a promessa de lhes conceder a imortalidade de uma hora para outra. Afinal, foram necessários milhares de ajustes no genoma humano, ao longo de muitas gerações, para nos transmutar numa espécie longeva, com cursos de vida medidos em milênios. Bem como o emprego dos transceptores de matéria para nos tornar na prática imortais. Poderíamos realizar o mesmo trabalho de manipulação genética nos lokii, mas talvez levasse séculos até que fôssemos capazes de elevar a expectativa de vida deles a um mísero milênio.

— Correto. A questão crucial, no entanto, é que os lokii não sabiam disso.

Penso nas consequências dessa afirmação. Lembro de uma das descobertas mais importantes do Baixinho, que corroborou uma teoria antiga, acalentada por alguns xenólogos do DAE: ao estudar a psicologia dos lokii como se fosse um autóctone, Hendrik acabou constatando que os nativos são de fato criaturas bem mais puras do que nós. Embora quando muito jovens, seus filhotes sejam capazes de mentir, as normas e posturas filosóficas inerentes à educação loki acabam neutralizando por completo esta capacidade em todos os adultos são de espírito. Os lokii são incapazes de sequer cogitar a possibilidade de que alguém emita um enunciado falaz deliberado.

Desse modo, não é de se estranhar que os lokii desconheçam o conceito de blefe. Quando Hendrik faltou com a verdade de forma descarada ao maior gênio nativo, esse acreditou piamente nas palavras do antigo áulico. Decerto imaginou que fôssemos capazes de, ministrando uma espécie de poção mágica, torná-los imortais da noite para o dia.

Cumpre informar que os conhecimentos lokii na área de genética molecular eram e, ainda são, bastante rudimentares.

— Hendrik, seu sujo! Você mentiu para eles.

— E por que não, Velhinha? — Ele suspira de felicidade, envergando sua expressão mais inocente.

— Você é um demônio. Um Maquiavel da diáspora.

— Tudo pela humanidade. — Abre um sorriso divertido ante a minha indignação.

— Um procedimento deveras irregular. Não admira ter exigido que não houvesse registro algum do evento.

— Acaso julga que eu deveria transformar um peçadinho diminuto em grave questão de Estado, com profundas implicações éticas e morais? Não, obrigado.

Permanecemos calados, de braços dados, por alguns minutos.

Quanto mais penso a respeito, menos zangada me sinto. Acabo encarando essa mentira como mais uma traquinice de meu jovem amante voluntarioso. Uma travessura que trouxe frutos proveitosos para a humanidade.

— Bem, de certa forma, não foi exatamente uma mentira. — Retribuo o sorriso, na tentativa desnecessária de lhe justificar o comportamento. — Tudo bem, você omitiu alguns fatos, mas não creio que alguém em sã consciência vá criar caso por isso.

— Sobretudo, se ninguém souber a respeito. Pelo menos, até o fim do próximo milênio.

— Tudo bem, querido. — Abano a cabeça numa tentativa vã de emular indiferença. — De acordo.

— Sabe o que eu penso disso tudo, Too-Oldie querida? Ao longo desses quase seis séculos, o Departamento se preocupou à toa com essa questão demográfica dos lokii.

— Como assim, à toa?

— Se não fôssemos nós a resolver o problema, pode apostar que outros o fariam.

— Ah, não. Lá vem você de novo.

— Não crê que sejamos, junto com os gryphos, os magelânicos e os nossos amigos de Gandolph, as formas respiradoras de oxigênio mais evoluídas do Grupo Local, não é?

— É lógico que não, mas...

— Depois de cento e noventa e poucos milênios de exploração, ainda não conhecemos nem um décimo da periferia. É bem provável que existam culturas de respiradores de oxigênio tão evoluídas quanto as potestades de Greenhell.

— Aonde pretende chegar com essa tese?

— Acaso julga que quaisquer dessas hipercivilizações cruzaria os braços, tentáculos ou o que quer que tenham por órgãos de manipulação, permitindo que os lokii se deramassem galáxia afora?

— Talvez não se importassem.

— Duvido. Você deixaria que uma colônia de formigas ocupasse seu gabinete?

— Colocando nestes termos, é claro que não. Porém, se existissem milhões de gabinetes, eu não me importaria nem um pouco se as formigas ocupassem a vasta maioria, desde que deixassem umas poucas salas para mim.

— Será? E se você desconfiasse que essas formigas pudessem evoluir, até se tornar capazes de utilizar todos os recursos de um gabinete, da mesma forma que você faz, ainda permitiria que os insetos insolentes tomassem conta de quase todos?

Formigas & Gabinetes. Esse é bem o tipo de argumento que o Baixinho adora. Por vezes me questiono quanto à sapiência de termos permitido que estudasse com os lokii. Enfim, não se pode mudar o passado.

— Hendrik, meu querido, quando é que você vai descobrir que é uma perda de tempo tentar antecipar a conduta de entidades superiores hipotéticas a partir de uma meia dúzia de pressupostos ingênuos?

— Não é exatamente isto que estamos tentando fazer desde o alvorecer da história?

— Julguei que nós dois já soubéssemos que esse tipo de discussão não leva a parte alguma.

— Concordo plenamente. Mais um beijo de despedida?

Depois de algum tempo, assim que os nossos lábios se separam, ele volta à carga:

— Mas, insisto, se houvéssemos descoberto Ragnarok daqui a uns três ou quatro milênios, aposto que nos deparraríamos com uma sociedade estelar de baixa densidade demográfica, bem semelhante às formações humanas, gandalphianas, gryphas ou magelânicas.

— Está bem, meu querido. — Finjo concordar. Só porque detesto despedidas intermináveis.

Afinal, já faz umas seis ou sete décadas que descobri a inutilidade de se discutir um assunto com o Hendrik quando ele se mostra realmente empedernido em sua posição. Com o passar dos anos, muita paciência e, por que não dizer, uma boa dose de sorte, eventualmente ele se torna suscetível a argumentação lógica.

Mas hoje não haverá tempo para esperar tanto.

Aceno à medida que ele se afasta em direção à rampa de embarque do transporte orbital.

— Talvez você tenha mesmo razão. — Elevo minha voz. — Quem sabe?

Já na escotilha recém-materializada, ele se volta e me devolve o aceno pela última vez.

— Adeus, minha querida.

E então desaparece no interior da naveta.

— Até a próxima. — Murmuro para mim mesma, cheia de saudades.

FIM

Gerson Lodi-Ribeiro

Gerson Lodi-Ribeiro é um escritor brasileiro de ficção científica, com graduação em Engenharia Eletrônica e em Astronomia pela UFRJ e pós-graduação em Vinho e Cultura pela Universidade Cândido Mendes. Foi presidente do Clube de Leitores de Ficção Científica (CLFC) por dois mandatos consecutivos. É especializado em História Alternativa.





Crédito: Rubens Angelo/MidJourney

Bicentenário da Independência

CONTO: A Voz do Brasil

de Rubens Angelo



Uma voz o chamou na escuridão. Ele olhou instintivamente para o túnel, para ter certeza de onde vinha o som. Parecia uma voz familiar, mas teve dúvidas. Mesmo assim ele deu uns passos vacilantes pela negrura do corredor — sempre tivera medo desses subterrâneos cavernosos, era fácil perder-se nas partes sem iluminação. Mas o seu nome reverberou de novo, vindo de um pontinho de luz verde que marcava o final da longa passagem. Então caminhou mais rápido, e cada passo ganhava mais velocidade, à medida que o círculo luminoso do fim do túnel ficava maior e maior. Quando a voz o chamou de novo, tão perto que sentiu que estava logo à frente, se viu correndo com renovada energia e um sorriso brotou em seu rosto. Era ela, tinha certeza.

— Eu sei que você está aí! — gritou entre risos, se aproximando da luz intensa.

— É claro estou aqui, seu bobo! — a vizinha gritou rindo lá de dentro.

Quando entrou correndo na área clara, cegou-se por um instante, ofuscado pela luz intensa que vinha do teto da caverna. Estacou confuso, esfregando os olhos, e sentiu que aquela luminosidade era morna e perigosa. Luz quente do sol, uma coisa que o apavorava.

— Aqui! — a voz dela ecoou na caverna, agora inconfundível.

Ele abriu os olhos de novo e, com as mãos espalmadas na testa servindo de viseira contra a claridade, finalmente conseguiu enxergar. Respirou aliviado ao ver a estrutura que filtrava a perigosa luz solar. E o lugar o deixou boquiaberto: grama, arbustos, árvores de copas enormes carregadas de frutos; uma profusão de verde como ele nunca havia visto. E no meio desse jardim impossível, ele viu um pequeno lago que brilhava em tons de verde e amarelo, a água refletindo aquela luz impossível que entrava por persianas gigantes no teto da caverna. E sobre uma grande pedra que aflorava no meio da lagoa, a menina de cabelos negros acenou para ele.

— Vem! — ela chamou, animada. — Entra na água.

— Nunca vi tanta água — ele respondeu se aproximando com cautela.

— Os refugiados não podem entrar aqui, é um segredo — a menina falou tentando parecer séria. — Mas você é legal.

Ele tirou as sandálias surradas e avançou pela água. Era uma sensação incrível, como ser abraçado, acolhido por algum tipo de amor incondicional. Por um momento pensou em sua mãe — não conseguia lembrar do rosto dela pois ficara órfão ainda bebê, mas sentiu o mesmo carinho, tinha certeza.

Ao chegar na pedra, a menina o ajudou a subir. Sentiu que as mãos dela eram macias e sua pele acobreada era lisa e sem marcas, nada parecida com a cor pálida dele. Ela explicou que “os Antigos” haviam escavado aquela grande caverna para preservar as plantas e os animais que viviam na superfície, há muito tempo. Falou sobre a tribo dela, e de como eles encontraram aquele lugar e aprenderam muitas coisas, como plantar no subterrâneo e captar água do vento; mas ele teve dificuldade de acompanhar tudo. Na verdade, se distraiu admirando a beleza daqueles olhos escuros e amendoados, dos cabelos longos pretíssimos, adornados por fileiras de contas coloridas; não conseguia disfarçar que estava apaixonado. Sentira isso desde a primeira vez que a viu, quando seu grupo foi salvo por um guerreiro rastreador e trazido para a tribo. Ele tinha apenas oito anos, mas sabia que nunca mais encontraria alguém tão especial quanto ela.

— Se a tribo deixar eu viver aqui, vou me casar com você — ele disse sem pensar.

— Você é bobo! — a menina respondeu dando-lhe um empurrãozinho. — Eu não quero casar!

Ele ficou tão envergonhado que pulou na água, mergulhando por um tempo, desejando desaparecer. Mas ela saltou com desenvoltura logo atrás e emergiu ao seu lado.



Ficou bem de frente para ele, tão perto que o menino não conseguiu respirar. Então ela o beijou. Foi rápido, apenas um encontro de lábios, mas isso o marcou profundamente. Ela riu ao ver como aquilo o deixou atordoado.

— Mas você não pode se casar comigo, eu só tenho sete — ela explicou com carinho —, e você ainda teria que pedir a permissão do meu pai. E ele é o “Tuxaua”, chefe da nossa tribo.

— Quando crescer mais, vou perder a permissão! — ele disse com a confiança que só um menino de oito anos consegue ter. Segurou a mão dela nas suas para mostrar que aquilo era uma promessa.

Então um barulho irritante o tirou daquele sonho bom.

E ele acordou.

Levantou sobressaltado, batendo várias vezes no cronômetro em seu pulso, para fazer o alarme do despertador parar. O display acendeu as letras luminosas: 06h:30m - 05 / 09 / 2297. Tateou na escuridão por sua lanterna e a ligou. A luz preencheu o antigo cômodo de concreto, revelando as poucas coisas que resumiam a sua vida: um pequeno fogareiro, um mini dessalinizador de água com reator, uma velha jaqueta de couro, uma capa contra radiação, um capacete, seu par de botas com cravos de metal, um velho coldre, um bastão elétrico... e uma caixinha de metal, que pegou e abriu com todo o cuidado. Entre as preciosidades que mantinha ali dentro — revistas, livros e fotos do “Mundo dos Antigos” — ele puxou um cordão de contas coloridas. Ficou admirando as cores sob a iluminação azulada da lanterna, sentindo falta daquela luz amarela de sua lembrança. Desejou uma outra vida, que agora só podia ter em sonhos. Uma vida com Anahí. Por que ainda sonhava com ela, depois de tanto tempo? Queria voltar para casa, só isso.

Olhou para as próprias mãos se forçando voltar à realidade, para não sucumbir ao desespero. Observou bem os calos de seus dedos e sentiu a aspereza de sua pele fustigada. Viu as inúmeras cicatrizes nas costas das mãos, nos braços, nas pernas... e os dez anos de escravidão nas minas afloraram, um retrato violento eternamente gravado em seu corpo. O ressentimento e a raiva, velhos e odiosos combustíveis, tomaram de novo todo o espaço de sua mente, afastando suas fraquezas. Ergueu-se quase num salto, organizando tudo na mochila para nunca mais retornar. Conseguiu um bom trabalho. Colocou o capacete e com um toque, uma viseira negra deslizou, cobrindo todo o seu rosto. Mas antes de sair para os túneis sem fim, amarrou o cordão de contas em seu pulso esquerdo, buscando secretamente o reconforto de um fantasma.

Os túneis do sul são os mais perigosos — não que a cidade subterrânea de Cearana tivesse algum lugar seguro —, mas os contratantes queriam ser discretos e escolheram um local afastado do centro, mas o pior pulgueiro possível, lugar de assassinos e mutantes famintos. Os contratantes

disseram que bandidos haviam sequestrado uma mulher importante da comunidade e que precisavam de uma garantia a mais na hora de fazer a troca: por isso queriam contratar um assassino capaz de revidar com violência qualquer quebra de acordo. Bem, ele era um exímio matador e aceitou o serviço prontamente.

Quando entrou no bar, um antigo bunker militar de concreto reforçado, dezenas de olhos raivosos se dirigiram para ele. Com um gesto calculado, afastou a capa para trás, revelando o coldre amarrado à perna. O lustre de sua pistola fotônica certamente passou o recado. Viu os contratantes sentados em uma mesa ao fundo e caminhou na direção deles com confiança; o som das solas metálicas a arranhar o piso.

— É você, o Sombra? — disse um dos contratantes, um negro alto, vendo ele se aproximar da mesa.

— Sou eu. Nos falamos ontem pela rede.

O Sombra sentou-se com os quatro contratantes. Pareciam homens comuns, braços fortes, mãos calejadas, do tipo que trabalha em oficinas e fazendas, gente que ainda acredita na civilização subterrânea. Mas um deles era diferente, era mais velho, tinha as mãos limpas, a postura orgulhosa e trajava roupas novas, disfarçadas sob um poncho velho. Era difícil ficar limpo vivendo debaixo da terra, como ratos. Esse era o tipo de coisa que destoava da “Terra devastada” e significava problemas. Mas negócios são negócios e o Sombra não quis se meter.

— Já acertamos a hora e o local da troca — um dos contratantes falou, um tipo forte e careca. E entregou uma pequena barra de ouro ao Sombra. Era uma boa soma, o suficiente para deixar Cearana.

— Queremos que você esteja preparado para tomar medidas extremas — disse o outro, o mais jovem do grupo. — Temos que resgatá-la sã e salva a qualquer custo.

— Acha que os sequestradores, mesmo recebendo o resgate, não vão devolver a mulher? — perguntou o Sombra.

— Cassandra é “A Voz do Brasil” — disse o velho misterioso com o poncho. — Você já deve ter ouvido as transmissões dela pelo rádio.

— Não ouço rádio — rebateu o Sombra, mentindo. Ele sabia que o programa dela era muito popular pois defendia não apenas a civilidade, mas a reunificação do território sul para recriar um país que existiu ali duzentos anos atrás; o Brasil. Mas cultivar esperanças era uma coisa perigosa que ele detestava fazer.

— Ela é uma liderança importante para o nosso movimento de “Restauração” — o mais jovem emendou orgulhoso. — Mas o trabalho dela irritou muita gente que lucra com esse caos. Não podemos confiar nesses monstros.

— Meu bastão e a pistola estão com carga máxima — disse o Sombra, levantando-se. — Seria uma pena não usar.

O local da troca foi muito bem pensado, era uma esta-

ção de captação de umidade, uma instalação que ficava sobre uma torre de mais de 40 metros. Para todos os efeitos, era uma ilha cercada por deserto escaldante e exposta ao sol mortífero. Os sequestradores, caso rompessem o acordo, não teriam uma boa rota de fuga. A estação só dispunha de uma única e laboriosa saída — que também era a única entrada — e exigia a travessia por duzentos degraus de escada.

O Sombra, junto com os quatro contratantes, se encontraram no túnel de acesso à torre. Após o pagamento da propina aos vigias da Estação, adentraram as antigas instalações de aço e fizeram uma subida lenta em meio à escuridão, até o topo da torre. Abrindo uma porta pesada, chegaram em um grande vão circular, cercado de pequenas salas de um lado e de janelas panorâmicas de outro — o vidro parecia revestido por algum material filtrante pois o tórrido sol lá fora apenas banhava a sala com uma luz alaranjada suave. Não havia nenhum sinal dos operadores da Estação e isso deixou o Sombra em alerta. E o horário combinado estava chegando.

— Eu disse para virem só os quatro — uma voz surgiu pelo alto falante na parede. — Trouxeram o pagamento?

— Está comigo — disse o careca, se afastando dos outros. Ele ergueu uma pequena bolsa na direção da câmera mais próxima.

Então uma porta se abriu na sala de controle, e um homem usando uma capa marrom saiu. Ele caminhou até o careca, na intenção de pegar a bolsa. O rosto do sequestrador era coberto por tatuagens.

— Quero ver a garota primeiro — o careca falou, mantendo a bolsa consigo, mas mostrando as barras douradas em seu interior.

Com um gesto irritado, o homem tatuado ordenou que os outros sequestradores saíssem. Surgiram cinco homens, dois deles seguravam uma mulher negra pelos braços. Ela parecia saudável, mas tinha o rosto machucado e sua jaqueta estava rasgada, provas de que havia resistido à captura. Todos os bandidos estavam armados com metralhadoras — armas antigas, mas ainda eficientes.

— Quero o ouro agora! — o tatuado exigiu.

A bolsa foi entregue e o homem, que parecia ser o chefe dos sequestradores, pegou as barras e as distribuiu pelos bolsos de seu colete. Por que ele não colocou na mochila? O Sombra pensou enquanto observava o homem tatuado, que carregava nas costas um volume grande sob a capa. Aliás, todos os sequestradores estavam equipados da mesma forma, escondendo algo nas costas. O resgate havia sido pago, mas os sequestradores ainda mantinham a jovem presa.

— Agora escutem bem — o homem tatuado falou, enquanto um de seus capangas posicionava uma esfera metálica e pesada no meio da sala — Sabem o que é isso? É uma bomba.

O careca e os outros contratantes recuaram assustados. O Sombra não se moveu. Um dos sequestradores girou

uma roldana em um dos cantos e uma escotilha se abriu no piso, deixando a perigosa luminosidade do exterior invadir o salão.

— Um dos meus homens trancou a porta de acesso por fora, assim que vocês entraram. Agora só tem essa saída aqui — o tatuado apontou para o alçapão que dava para uma queda livre de 40 metros, em pleno deserto. — Agora entreguem suas armas.

O plano dos sequestradores ficou óbvio para o Sombra. Não queriam simplesmente executar a tal Cassandra, mas acabar com todos os líderes do movimento de “Restauração” de uma só vez. E assassiná-los descaradamente poderia desencadear reações dos fazendeiros, dos clãs... Não, eles não queriam criar mártires, por isso inventaram esse plano de explodir o local, depois espalharam que foi um acidente ou algo assim.

Os quatro contratantes entregaram as armas, na verdade eram mais relíquias enferrujadas para assustar. Ficaram todos juntos, contra a parede, sob a mira de dois sequestradores. O chefe dos bandidos se aproximou do Sombra, que se manteve impassível todo o tempo.

— Não consegue ouvir com esse capacete? — o homem tatuado gritou, encarando o Sombra bem de perto. — Entregue essa arma agora!

O Sombra balançou a cabeça, indicando que iria cooperar. Usando a mão esquerda, lentamente abriu o coldre e puxou a pistola com a ponta dos dedos. O homem tatuado arregalou os olhos de cobiça, vendo que aquela era uma arma de alta tecnologia. Ele tentou pegar a preciosa pistola, mas não percebeu que a mão direita do Sombra já segurava o bastão elétrico.

O golpe foi rápido. A ponta do bastão atingiu o homem tatuado no pescoço, descarregando 50 mil volts que imobilizaram seu corpo instantaneamente. O chefão ainda estava de pé e contorcendo-se, quando o Sombra atirou com sua pistola de fótons em um dos sequestradores que seguravam a mulher. Sua mira com a mão esquerda não era tão boa e o disparo, que deveria ser no peito, atingiu o bandido no ombro — mas o estrago compensou sua imprecisão e o homem foi jogado para trás. O segundo disparo do Sombra foi ainda mais difícil, pois foi desferido enquanto se agachava, evitando ser um alvo fácil para os sequestradores. O pulso de energia atingiu o segundo sequestrador que ainda segurava a refém. Acertou-o no estômago — havia mirado o peito também, mas o tiro na barriga foi bastante eficiente, fazendo o bandido cair recurvado. Liberta, Cassandra se jogou no chão, tentando arrastar-se para longe dos tiros.

Os dois sequestradores que mantinham os contratantes na mira foram pegos de surpresa, mas logo reagiram furiosamente. Uma rajada de balas atravessou o salão, todas na direção do Sombra. Os bandidos não se preocuparam nem um pouco com seu chefe, que ainda se convulsionava, muito perto do alvo deles.

O Sombra já esboçava um rolamento pelo chão quando as balas vieram. Em meio ao movimento, foi atingido na

cabeça e também na coxa direita. Seu capacete, de uma liga metálica duríssima, prontamente fez ricochetear uma das balas; já a outra, rasgou pele e músculo e cravou-se profundamente em sua carne. Com a adrenalina e o calor da ação, foi fácil ignorar a dor e ele conseguiu saltar para trás de um painel de instrumentos. Nesse meio tempo, o mais jovem do grupo dos contratantes tentou ajudar. Ele saltou com um punhal sobre o sequestrador mais próximo, um ataque furioso, mas sem nenhuma eficiência. A lâmina fincou-se pouco acima do ombro do bandido, que sem um ferimento mortal, conseguiu girar e disparar uma rajada no jovem atacante, que morreu antes mesmo de cair. A torrente de balas ainda atingiu o velho e o careca, que não se jogaram no chão a tempo. Só o contratante mais alto conseguiu se esquivar ileso.

O sequestrador ferido, ainda com a faca no ombro, não quis mais saber da luta e correu na direção do alçapão. Puxou um pequeno cilindro que estava conectado ao pacote às suas costas e saltou sem medo pelo buraco. O segundo sequestrador continuou atirando no painel que servia de escudo para o matador contratado. A estrutura foi tão alvejada que explodiu, soltando uma chuva de faíscas e fazendo o Sombra ser arremessado para trás. Triunfante, o bandido avançou para finalizar o serviço. Deu a volta no painel fumegante e viu o matador estendido no chão, mas quando apontou sua metralhadora, foi atingido na cabeça por uma pesada chave de grifo. Aproveitando que o sequestrador ficou tonto, a corajosa Cassandra fez seu segundo ataque, chutando-o no peito. O homem cambaleou para trás, mas não caiu. Tentou erguer a metralhadora para liquidar a mulher, mas um tiro fotônico atingiu-o na nuca. A luta havia terminado.

Cassandra ignorou o Sombra — que tentava se levantar com a perna ferida — e correu para junto de seus amigos. O careca havia morrido, mas o velho ainda resistia bravamente.

— Eu vou tirar você daqui, Baltazar — a mulher sussurrou para o velho, segurando sua mão ensanguentada.

— Você é o futuro, minha menina — ele respondeu perdendo o ar, e entregou a ela um pequeno cubo — Fique com isso, eles estão observando...

O velho morreu sob as primeiras lágrimas dela.

— Coloque isso — O Sombra disse, puxando Cassandra pelo braço, obrigando-a a soltar o morto. — É uma mochila voadora. Esse era o plano de fuga dos sequestradores.

— Temos que desativar a bomba — a mulher protestou, limpando o rosto. — Essa estação é importante para a cidade!

— Não sem um laser ou um maçarico e acho que não dá tempo de achar um — O Sombra falou, afixando o aparelho nas costas dela.

O homem alto também seguiu o plano e tirou a mochila de um dos sequestradores mortos. Colocou o aparelho e explicou à Cassandra como os controles no pequeno cilindro funcionavam. Ambos saltaram pelo alçapão e desapareceram. No momento em que o Sombra terminava de

ajustar sua mochila, tiros zuniram sobre ele, ricocheteando novamente em seu capacete. O chefe dos sequestradores, despertado do choque, tentou atirar de novo, mas sua munição havia acabado. Ele avançou ferozmente agarrando o Sombra, impedindo-o de usar a pistola. Ambos rolaram pelo chão e caíram pelo alçapão.

A bomba termobárica explodiu três segundos depois.

Ele abriu os olhos, mas não conseguiu ver. Com as mãos trêmulas, bateu a cabeça até as presilhas do capacete, abrindo a viseira negra. A lente eletrônica ficara opaca pelo acúmulo de cinzas e terra. Com o capacete aberto, seu rosto iluminado parecia incrivelmente jovem: a pele muito branca ainda era salpicada por espinhas e um bigode ralo e impúbere se fazia notar. Quando voltou a enxergar, uma nuvem escura recobria todo o céu, dando um aspecto crepuscular ao dia que ainda estava longe de acabar. O Sombra soltou-se das alças da mochila voadora e ergueu-se com dificuldade, apertando a ferida na coxa. A queda que sofreu fora violenta, após ser empurrado pela onda de choque da explosão da torre. Nenhum sinal do chefe dos sequestradores, nem de mais ninguém. Quando conseguiu ficar de pé, seus olhos lacrimejaram com o calor. Viu uma coluna monstruosa de fumaça negra que girava lentamente, impulsionada por um pilar rubro escaldante em sua base. O vórtex escuro se erguia a quilômetros de altura, até se abrir e expandir-se em todas as direções, formando nuvens escuras; suficientes para transformar o dia em noite. A onda de calor era tão abrasadora que foi impossível continuar olhando para aquele apocalipse. Desentendeu a mochila voadora, mas ela estava irremediavelmente avariada. Uma chuva macabra de fuligem recobria o chão, tingindo de preto a areia do deserto. Então amarrou uma tira de tecido na coxa, se cobriu com a capa e saiu cambaleante, tentando se afastar o máximo possível daquele inferno.

Caminhou pela terra árida por tortuosos minutos e tentou usar seu eco-radar, mas não conseguiu se localizar. A radiação solar estava interferindo nas leituras. O que teria acontecido com a mulher e o amigo dela? Teriam escapado da onda de choque? Droga, isso não importava mais, não era problema seu. Cansado, tomou o último gole de seu pequeno cantil e esfregou o rosto, num gesto inútil para retirar a fuligem que impregnava a pele suada. Chega dessa confusão, ruminou, só queria voltar para casa, voltar para casa! Escalou um monte rochoso para ampliar seu campo de visão, na esperança de avistar pelo menos uma saída de ar para os túneis. Encontrava-se a quilômetros da cidade e a terra devastada era um lugar estéril, açoitado pela radiação. Não dava mais para sobreviver na superfície, só os mutantes eram loucos para desafiar o deserto. Equilibrando-se no topo da rocha, o Sombra contorceu-se para escrutinar a área. A melhor opção era seguir para o leste, alguma hora chegaria na cidade, mas se viu pensando em Cassandra. Mais uma sonhadora que o caos inevi-

tavelmente iria devorar. Uma maldita idealista! Foi o que concluiu, convencendo-se de abandoná-la à própria sorte. Mas Anahí também era uma idealista, a menina dos olhos amendoados. Ela tinha os olhos negros, oblíquos como os de Cassandra.

Sem acreditar no que estava fazendo, o Sombra seguiu para oeste, buscando alguma coisa perdida há muito tempo. Então, avistou um objeto encravado na areia e se apressou. Ao se aproximar, viu uma mochila voadora quebrada e um rastro bem nítido de pegadas. Eram de botas grandes e imediatamente abriu o coldre. Seguiu as marcas na areia até que avistou sua presa: era o chefe dos sequestradores.

— Ei! — o Sombra gritou. — Ainda não terminamos!

O homem do rosto tatuado girou bem rápido nos calcanhares e puxou um revólver que estava escondido nas costas.

Mas o Sombra sacou primeiro.

O bandido caiu com um rastro de fumaça saindo de sua testa.

O Sombra seguiu em frente por uma meia hora, continuando sua procura, até que encontrou o corpo do amigo de Cassandra. O homem, o tipo alto e negro, estava estirado de bruços, todo cortado e faltavam-lhe partes. Saíram da frigideira para cair no fogo, era muito azar! Bem próximo, avistou as duas mochilas voadoras avariadas — mas nenhum sinal da mulher. Ele respirou fundo, reunindo suas forças, enquanto seguia com os olhos as marcas paralelas deixadas por um veículo. Sentiu um calafrio ruim ao imaginar o que havia acontecido. Só havia um tipo de monstro por aqui que se alimentava da carne dos homens... Escalpeladores.

Seguiu a trilha com uma obsessão canina, sem conseguir racionalizar o que faria ao encontrar os mutantes, ou quais seriam as chances de Cassandra ainda estar viva na mão daqueles canibais. A dor e a desidratação fizeram a realidade se dissolver e ele perdeu a noção do tempo. Só conseguiu voltar a sentir alguma coisa quando avistou o veículo, sob a luz crepuscular. Ao se aproximar, o Sombra segurou o passo e continuou com mais cuidado. Deu a volta no velho caminhão, tão modificado que mais parecia uma casa sobre rodas. Presa ao teto do veículo, uma grande lona encardida se estendia formando uma barraca improvisada. Observou vários equipamentos espalhados pelo acampamento: uma churrasqueira, um freezer, caixas com roupas e até um dessalinizador portátil. Tudo era velho e remendado, mas aparentemente funcional. Deteve-se e olhou em volta, mas não viu ninguém. Mesmo agindo contra sua intuição, avançou para o recipiente de água que estava acoplado a um condensador de umidade. Sacou a garrafa e bebeu com uma avidez desesperada. Enquanto entornava a garrafa, o Sombra percebeu, pelo canto do olho, um vulto movendo-se atrás de si. Seu coração acelerou. Com agilidade, atirou-se no chão, no momento exato para desviar-se de uma faca que, atirada com uma força brutal, encravou-se completamente na máquina de condensação. O matador rolou na areia e, quando parou, já

tinha sacado a pistola. Seu disparo criou um clarão momentâneo, iluminando o enorme agressor que investia com uma lança. Atravessado pelo pulso de energia, o gigante tombou aos pés do matador. Com o susto, o Sombra engasgou com a água e ficou a tossir, encarando de perto o cadáver. Observou que o homem abatido vestia peles e tinha inúmeras bugigangas amarradas ao corpo. Sua cabeça era anormalmente grande e a pele possuía uma aparência rugosa e pustulenta. Essas mutações eram típicas da exposição prolongada à radiação. Ciente do perigo, levantou-se apressado, mas foi imediatamente enlaçado por uma tira de couro que caiu sobre ele, prendendo seus braços junto ao corpo.

— Fura ele, Rato! — berrou uma velha descabelada que puxava o laço. — Esse puto matou seu irmão! Fura ele!

O “Rato”, um homem esquelético e barbudo, vestido com um longo casaco de pele, avançou segurando um facão. De repente, o Sombra saltou para trás, chocando-se com a mulher que o prendia, que ficou atordoada. O laço afrouxado permitiu-lhe erguer um pouco sua pistola, apenas o suficiente para um tiro estratégico. O tiro atingiu o pé direito do Rato, que soltou um grito horrível e caiu desequilibrado. A velha ainda tentou puxar novamente o laço, mas não foi rápida o bastante. Levou um chute que a lançou no ar, obrigando-a a soltar a corda. O Sombra desvencillhou-se da tira que o prendia e disparou mais uma vez no homem que se contorcia agarrado ao pé dilacerado. Seus gemidos de dor foram silenciados instantaneamente quando sua cabeça explodiu com o pulso energético. O matador devolveu a pistola ao coldre e caminhou na direção da velha, a fim de interrogá-la sobre o paradeiro de Cassandra. A idosa encardida, vestida com tiras de couro amarradas ao seu corpo esquelético, parecia ter desmaiado. Quando tentou levantá-la, foi atacado por um golpe rápido de punhal. O Sombra recuou segurando o braço cortado, mas ainda exitou em sacar a pistola e matá-la.

— Matou meus filhos! — ela gritou furiosa, espumando pela boca.

A investida da velha veio enérgica, mas o matador estava preparado e bloqueou o golpe, segurando o pulso da atacante e arrancando-lhe o punhal.

— Calminha aí, ou acabo com você — advertiu o Sombra. — Onde está a mulher que capturaram? Fale ou eu te mato!

A velha debateu-se contrariada, cada vez mais agressiva. Ignorando a ameaça, começou a gritar:

— Xuxa! Xuxa!

O Sombra ainda segurava a velha quando uma explosão derrubou ambos no chão. Zonzo, o matador virou-se a tempo de ver o condensador de umidade soltando faíscas, com um buraco enorme no meio. Ao fundo, em uma colina próxima, surgiu um clarão e instantaneamente outra explosão fez um buraco no chão, lançando uma nuvem de poeira no ar. O Sombra arrastou-se, buscando se colocar atrás do dessalinizador. Sacou sua pistola e aguardou, vigiando a colina. Quando um novo clarão surgiu, disparou várias



vezes na direção do flash, na esperança de atingir o sniper. Uma rocha atrás do Sombra se esfacelou com uma nova explosão. Ele apontou a pistola novamente para a colina e aguardou o clarão para disparar. Nesse momento, uma mão enorme segurou seu pulso, fazendo-o girar. O Sombra foi erguido do chão por um homem muito alto, que arrancou sua pistola.

— Mata ele, Xuxa! — ordenou a velha, já com seu punhal recuperado. — Hoje vamos ter um banquete!

O Xuxa, do alto de seus dois metros e trinta, mostrou seus dentes pontiagudos. O gigante exibia uma musculatura atrofiada, que deixava seus braços longos e desproporcionais ao corpo. Era muito forte e manteve o Sombra suspenso no ar, apertando seu pescoço.

— Que filho da puta! — falou um velho se aproximando. Carregava nas costas um fuzil magnético — Olha a bagunça que esse merdinha fez!

— Vamos ter costelas assadas, papai? — perguntou a velha.

— Ah, sim! — concordou o velho. — Hoje é dia de churrasco!

O Sombra mal conseguia ouvir, tamanha falta de ar. Sua consciência o abandonava, já vencida pelas trevas. De repente, foi libertado e caiu sentado, ainda grogue pelo sufocamento. Como em um sonho, viu o gigante correndo ao lado do velho, na direção do caminhão que acabara de ser ligado. Viu, sem acreditar, Cassandra ao volante. Mesmo com as mãos amarradas, ela manobrou o veículo na direção do acampamento, destruindo tudo pelo caminho. O Velho atirou com seu fuzil e o capô do caminhão foi arrancado com a explosão do motor. Em meio ao caos, a velha tentou apunhalar o Sombra, mas foi repelida pelo bastão elétrico. Enquanto isso, o enorme mutante saltou na cabine do caminhão, tentando arrancar Cassandra da direção. E o velho já estava posicionado para atirar na mulher. Então o bastão elétrico girou no ar e acertou o idoso na cabeça, que desabou inconsciente. O Sombra alcançou o fuzil e disparou no gigante, no momento exato em que ele puxava Cassandra para fora do caminhão. O mutante ainda ficou de pé por um tempo, apalpando o enorme buraco em seu peito, sem entender o que tinha acontecido. O Xuxa desabou como um monte de carne morta.

O Sombra, vendo que Cassandra estava salva, deixou-se cair onde estava. Finalmente podia sentir a sua dor em paz.

A noite do deserto amenizou o calor insuportável, mas não trouxe alívio para o Sombra. Não chegou a ficar inconsciente, mas oscilou entre a alucinação e a dormência, ambas provocadas pela dor e a perda de sangue. Ele mal percebeu quando Cassandra retirou a bala de sua coxa e improvisou seus curativos. Reunindo as energias que lhes restavam, conseguiu sentar-se e encarou a mulher.

— Você não está cozinhando a comida desses mutantes, está?

— Um assassino de aluguel não deveria ser muito exigente! — ela disse com um meio sorriso. — Mas relaxa, peguei só algumas raízes — completou, atijando a fogueira que esquentava um pequeno caldeirão.

— Procurei por você no acampamento, mas não...

— Eu estava dentro do freezer. Acordei espremida junto ao corpo de um dos sequestradores — ela falou com um semblante sombrio. — Acho que éramos o estoque de carne para depois.

— É uma mulher determinada. Começo a entender porque têm medo de você. Ok, comeremos raízes.

Enquanto cozinhava, Cassandra falou um pouco de si, sobre a sua infância em um grande forte no litoral e de como teve a sorte de estudar muitas coisas sobre os “Antigos”. Revelou que a humanidade, a “verdadeira”, havia ido para o espaço, mas que só um pequeno grupo foi escolhido para a jornada. Foi um evento chamado “O Êxodo”. Disse também que todos nós, somos os filhos dos filhos dos que foram abandonados nessa Terra devastada, estrangulada pelas guerras e o colapso ambiental. Mas acreditava que ainda havia esperança para o planeta e isso dependia da união das pessoas, da pacificação dos clãs e da organização em torno dos governos. Cassandra acreditava nisso com todo o seu coração e havia deixado a segurança de sua família para divulgar suas ideias pelas cidades isoladas.

— E você? — ela perguntou, entregando um pote com raízes cozidas ao Sombra. — De onde vem? Onde conseguiu esses equipamentos sofisticados?

— Vim do norte — ele falou com tristeza. — Era escravo em minas. Passei dez anos lá, mas consegui fugir.

— Já ouvi falar. Mas os mineiros não têm tecnologias avançadas.

— Não têm. Antes de ser escravo, eu vivi com uma tribo que preservou muita tecnologia antiga. Era uma cidade subterrânea chamada Kanamari...

Mas o Sombra interrompeu sua narrativa. Ficou distante e mastigou as raízes mecanicamente, sem perceber o gosto. Nunca falava de seu passado e não queria fazer isso agora. Cassandra percebeu o incômodo de seu companheiro e viu as muitas cicatrizes nas mãos e no rosto dele — que deveria ser mais jovem que o dela. Espetou mais uma raiz do caldeirão e a soltou no pote do rapaz.

— Essas contas — ela perguntou, apontando para o cordão colorido no pulso dele. — São sementes, né?

— Sim — ele ergueu a mão. — Sementes de Jarina e Macunã.

— São de árvores da antiga Amazônia — Cassandra comentou. — Sabia que já houve uma grande floresta nas planícies do norte?

— Sim, a tribo de Kanamari preservou muitas espécies da floresta.

— Parece um lugar incrível, adoraria conhecer.

— Kanamari foi atacada por saqueadores — ele falou com um tom sombrio, encarando a mulher. — levaram tudo que conseguiram carregar, o resto eles queimaram. A maioria da tribo foi assassinada e quem sobrou foi ven-

didado como escravo para os mineiros. Eu tinha nove anos quando aconteceu.

— Sinto muito. Deve ter perdido muitas pessoas queridas.

O Sombra não respondeu, não havia muito mais a acrescentar. Sua jornada era uma espécie de círculo sem fim de perdas. Para ele, a vida na Terra devastada era implacável, só existia o dia de hoje, todo o esforço se concentrava na sobrevivência, sem espaço para o passado ou o futuro. Não acreditava em nada, não se apegava a nada. Talvez fosse essa a razão de Cassandra o afetar tanto, havia se esquecido de como era a sensação de ter esperança. Mesmo sem admitir, ele a admirava. Terminaram de comer e ficaram em silêncio por um tempo, iluminados pelo fogo que se extinguiu lentamente. Depois se deitaram. No céu, as estrelas iam enfraquecendo, afugentadas pela aurora que se insinuava. Mas não havia descanso verdadeiro no deserto. Então juntaram os poucos equipamentos que funcionavam e se prepararam para a longa caminhada de retorno à Ceirana. Sem nada dizer, o Sombra deu sua capa contra radiação à Cassandra e se cobriu com uma lona que havia tirado do acampamento dos mutantes. Seguiram para o leste.

— Você não é um assassino, desculpe por ter dito isso.

— Não se desculpe, é o que eu sou.

— Você é uma pessoa boa, fez de tudo para me levar de volta — ela disse com carinho, afastando seu orgulho costumeiro e tocando-lhe a mão. — E tem grandes habilidades para sobreviver — completou, envergonhada de mostrar seu afeto. — O nosso movimento de “Restauração” precisa de gente como você.

— Não, não precisam de mim — o Sombra disse taciurno, continuando a andar.

Cassandra não insistiu, talvez ele mudasse de ideia ao chegarem à cidade. Talvez, pensou sem querer, poderia dizer que era ELA quem poderia precisar dele, não o movimento. Mas logo afastou esses devaneios de seus pensamentos. Afinal, ela precisava deixar sua vida pessoal em segundo plano e se concentrar nas suas obrigações, que eram muitas. E teria muito trabalho pela frente, com a perda dos valiosos companheiros de causa que morreram tentando salvá-la. Seus olhos marejaram ao se lembrar de Baltazar, com quem tinha uma relação mais próxima — o ancião fora muito mais que um amigo, assumindo muitas vezes o papel de um segundo pai.

Cassandra retirou do bolso da jaqueta o pequeno cubo que Baltazar lhe dera. Além de conselheiro, ele foi um homem de grande conhecimento sobre política e filosofia, assim como um importante financiador do movimento. Apesar de sua proximidade e afeto por Cassandra, Baltazar foi um homem bastante reservado e nunca falou abertamente sobre suas origens.

— Já viu um desses? — Cassandra perguntou ao Sombra, mostrando o cubo metálico. — Sabe o que é?

O objeto tinha apenas um símbolo em uma de suas faces.

— Não sei. Nunca vi um desenho assim.

Continuaram seguindo numa marcha lenta, devido ao passo manco do Sombra. Cassandra estava ansiosa para voltar, tinha escrito um discurso sobre a importância do senso de nação, de unidade e de cooperação. Seria uma transmissão especial, numa data simbólica, para alcançar todas as cidades do deserto central. A tentativa dos opositores de silenciá-la apenas inflamaram ainda mais a sua determinação. Ela ergueu o olhar para o céu, esperançosa, e viu um pontinho de luz que se movia mais rápido que as outras estrelas. Ela sabia que ainda existiam satélites por lá, testemunhas agora silenciosas dos prodígios dos “Antigos”. Cassandra ficou imaginando um mundo novo, em que a humanidade dominaria de novo a tecnologia espacial, não para escapar do planeta, mas para melhorá-lo. Então ela teve que interromper seus devaneios otimistas pois notou algo estranho.

— Ei, consegue ver aquilo? — ela apontou para o meio do céu.

— Uma estrela?

— Acho que é um satélite, sabe o que é isso, né? Mas parou de se mexer, eu juro!

O Sombra olhou incrédulo a princípio, mas então percebeu que a luz tinha mesmo uma cor estranha e parecia cada vez maior.

— Está descendo — o Sombra falou, chamando-a com um gesto. — Precisamos nos esconder!

Mas antes mesmo que chegassem a uma grande pedra que poderia servir de abrigo, a luz se intensificou em um clarão que os cegou momentaneamente. No impulso de proteger Cassandra, o Sombra a envolveu com sua lona e a abraçou. Em meio a uma brancura que fez desaparecer tudo que havia em volta, sentiram um arrepio esquisito na pele e um gosto estranho na boca. Então houve um zumbido grave que fez tudo tremer, fazendo-os agachar para não caírem.

Mas da mesma forma súbita que começou, o fenômeno parou e a luz desapareceu. Quando voltaram a enxergar, um grupo de seis figuras misteriosas os observava. Todos trajavam macacões brancos e usavam capacetes opacos que envolviam suas cabeças. Quando um dos estranhos se aproximou, o Sombra prontamente sacou sua pistola. Mas Cassandra segurou seu braço, fazendo-o baixar a arma. A figura de macacão ergueu a mão em saudação e seu capacete, como por mágica, tornou-se transparente como vidro. Então se deram conta que ele era bem humano. O homem tinha o cabelo trançado e era negro, de uma cor mais escura que a de Cassandra. Com um largo sorriso e gestos contidos, ficou de frente para os dois espectadores estupefatos.

— Saudações a vocês, meus amigos vagantes do deserto — ele falou com um sotaque estranho e formal.

— Quem são vocês? — Cassandra se atreveu a perguntar.

— Somos amigos — ele esquivou-se encarando-a. — Viemos para ajudá-la. Temos observado você.

— Foram vocês que fizeram isso? — ela ergueu o cubo misterioso. — Isso é algum tipo de dispositivo de monito-

ramento?

O homem misterioso apenas sorriu em concordância.

— Você deve vir conosco — ele disse. — Para o verdadeiro aprendizado.

Ao dizer essas palavras, de repente a paisagem logo atrás do grupo oscilou como numa miragem. Onde antes era só deserto, surgiu um aparelho enorme, esférico, sustentado por quatro pés. Não possuía janelas, asas, rotores ou turbinas. Sua superfície metálica era tão polida que parecia espelhar o deserto abaixo de si. Cassandra mal podia acreditar no que estava vendo e no que aquilo podia significar. Seria apenas um artefato dos “Antigos” que haviam encontrado? Mas aquele veículo era diferente de tudo que ela já ouvira falar... e apontava para algo ainda mais extraordinário: a tecnologia do “Êxodo”, dos humanos que deixaram a Terra. Ir com eles significava desvendar todos esses mistérios, uma coisa tentadora.

— Eu... eu... não posso ir com vocês — Cassandra gaguejou. — Tenho que fazer uma transmissão importante amanhã. Muita gente depende de mim e...

— Nós sabemos de seu discurso e de como a data é importante — o homem a interrompeu. — E vamos ajudá-la. Agora suas palavras serão ouvidas por todo o continente. — e ao dizer isso ele apontou para o céu.

O homem misterioso estendeu a mão para Cassandra, convidando-a para aceitar e seguir com ele. Ela apertou sua mão enluvada e admirou-se com a maciez do material. Então olhou para trás, encarando o Sombra, que observava tudo aquilo com um semblante desconfiado.

— É melhor irmos com eles — Cassandra disse ao Sombra.

Mas antes que o rapaz dissesse algo, o homem de macacão branco ergueu sua mão, em sinal para que o Sombra não se aproximasse.

— Este não poderá ir conosco — o misterioso homem falou com severidade.

— Não posso deixá-lo aqui assim — Cassandra protestou.

O homem misterioso fez um sinal e dois de seus companheiros, se aproximaram. Caminharam silenciosos, com seus capacetes a esconder-lhes os rostos, e entregaram dois pacotes ao Sombra.

— Água e alimento — o homem negro falou, dirigindo-se ao Sombra. Depois apontou para leste. — Siga nessa direção e logo encontrará uma entrada para os túneis de sua cidade.

Cassandra, com um olhar perdido, se aproximou do Sombra. Ela não sabia o que deveria fazer e encarou-o, buscando alguma coisa nos olhos dele que a fizesse mudar de ideia.

— Você deve ir — ele falou, fingindo não se importar.

— Eu não sei...

— Essas pessoas parecem ter o poder para mudar as coisas. Então você não pode perder essa chance. E vou ficar bem. Eu pertenço a outro lugar, de qualquer maneira.

— Então isso é um adeus?

— Acho que sim.

Cassandra, contrariando seu bom senso, chegou bem perto dele e o beijou suavemente. Foi rápido, apenas um encontro de lábios, mas isso foi o suficiente para ambos sentirem o quanto essa despedida parecia errada.

— Me diga o seu nome — ela lhe sussurrou.

— Eu não tenho nome — ele respondeu com tristeza. — Ainda não conquistei um.

O Sombra segurou as mãos de Cassandra por um instante, entregando-lhe seu precioso cordão de contas coloridas. Ela agradeceu com um sorriso e voltou para junto do misterioso homem de macacão branco. A comitiva silenciosa de estranhos seguiu de volta ao veículo e adentraram por uma seção que se abriu na base da esfera. Antes de subir pela rampa, Cassandra lançou um derradeiro olhar ao Sombra.

Depois a seção se fechou de novo, o aparelho começou a emitir seu zumbido característico e começou a flutuar, sem levantar poeira. Só um leve tremor se fez sentir pelo chão, quando a esfera subiu e desapareceu numa velocidade espantosa.

Ela se foi.

Abatido, o Sombra olhou para o leste, para uma aurora que já tecia de cores fulgurantes o horizonte. “Pertencço a outro lugar... e preciso ir para casa”, disse para si mesmo como num mantra para afastar suas dúvidas. Então seguiu com seus passos vacilantes pelo deserto e olhou para seu cronômetro de pulso, que indicava: 05h:35m - 06 / 09 / 2297. Logo imaginou como seria o discurso que Cassandra faria no dia seguinte. Pensar nisso o animou um pouco e seu caminhar se acelerou.

Ele não perderia aquela transmissão por nada porque estava ansioso por ouvir a voz dela novamente.



Nome: Rubens Angelo

Telefone: (21) 98549 4605

E-mail: rubensgrafico@gmail.com

Site: <https://scifitropical.wordpress.com>

rede social: <https://www.instagram.com/rubensescritor/>



Bicentenário da Independência

CONTO: Viemos em Paz

de Sílvio Ribeiro



Quando o sol nasceu pela manhã, havia um burburinho na tribo. Algo estava acontecendo. Todos olhamos para o céu e pudemos ver três objetos gigantes, que brilhavam e piscavam. Nunca algo tão maravilhoso tinha sido contemplado por nosso povo. Aos poucos, no meio de uma grande nuvem, como se tivessem sido enviados pelos deuses, eles foram chegando ao solo. Nossos irmãos estavam atônitos, paralisados, sem saber o que fazer. Quando o som estrondoso finalmente cessou e as luzes pararam de brilhar, fendas se abriram nos objetos e por elas saíram pequenos seres cabeçudos, que pareciam não ter olhos e nem orelhas. Um deles, que talvez fosse o líder, aproximou-se de nós, trazendo mais quatro atrás de si.

— Viemos em paz! — este foi o primeiro som que ouvimos de um deles. Não entendíamos nada, mas nos pareciam amistosos. Logo tiraram um objeto que cobria suas cabeças e percebemos como eram bonitos. Eram certamente superiores a nós em tudo. Seu próximo passo foi nos dar presentes, objetos que brilhavam sozinhos e que iluminavam a noite. Até mesmo o ar eles conseguiam controlar com suas mágicas, que diziam se chamar “tecnologia”.

Aos poucos, muito através de sinais, fomos entendendo qual sua origem e de onde vinham. Eram do planeta Terra, de uma tribo chamada Estados Unidos e que em 2059 começaram a colonização do espaço. Não entendíamos nada disto, mas mesmo assim os acolhemos e quanto mais víamos suas tecnologias,

mais encantados ficávamos. Alguns mais jovens até começaram a tentar imitá-los, ou em gestos ou no modo de se vestirem. Logo aprenderam sua língua e quase esqueceram a nossa. Não conseguíamos nos comunicar mais com nossos próprios filhos. No início ninguém ligou, pensávamos:

— O que pode vir de ruim de um povo tão maravilhoso?

Eles criaram uma vila que chamavam de colônia e passaram a nos chamar de “Povo Colonizado”. Devia ser alguma forma de elogio e agradecimento pela forma com que os recebemos e como eram bem tratados e admirados. Nós os chamávamos de “Viemos em Paz”. Diziam que com o tempo outros iriam chegar, mas não víamos problemas, o nosso planeta era grande, bonito, cheio de vida, com matas e rios em abundância e o ar mais puro que se poderia encontrar.

Um dia o líder alienígena veio falar com nosso chefe, trouxe mais objetos brilhantes e que emitiam sons. Disse que precisava pegar algumas coisas no planeta, coisas que para nós não tinham valor, mas que para eles eram muito importantes, pois sua tecnologia precisava delas. Quem iria desconfiar destes estranhos tão amáveis, que só o que fizeram desde que chegaram foi nos trazer presentes? Nada tinham pedido ainda. O chefe disse sim.

A aldeia é acordada na madrugada com um enorme estrondo. A árvore sagrada estava caída ao chão. Milênios de nossa história ali, destruídos. O nosso grande chefe caiu de joelhos e chorou. A tribo se dividiu

entre aqueles que perceberam no mesmo instante o que os colonizadores queriam e aqueles que pensavam:

— Era só uma árvore, temos muitas mais. Os “Viemos em Paz” só estão nos ajudando, logo seremos tão brilhantes como eles!

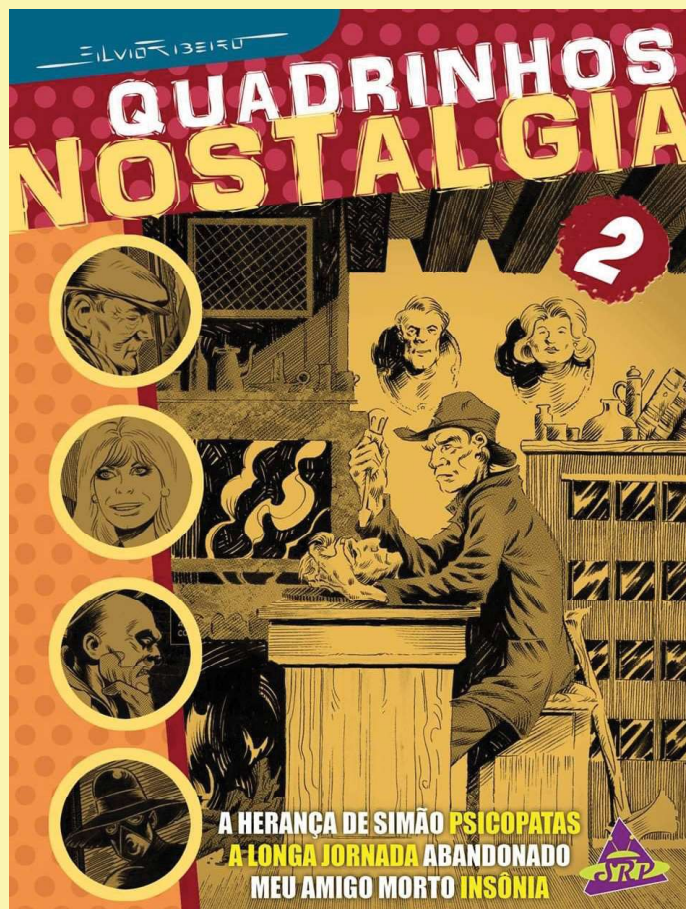
O planeta Terra começava a colocar suas garras em nós, mas a maioria não percebeu. Os “Viemos em Paz” eram tão gentis, tão bonitos, nos traziam presentes, que a grande maioria do nosso povo acabou trocando nossa forma de pensar pela deles. O nosso chefe, que percebia a maldade dos “Viemos em Paz”, foi deposto por ordem deles. Alguns poucos acompanharam o chefe, saímos da aldeia, mas continuávamos tentando fazer os outros compreenderem o que estava acontecendo. Mais árvores eram destruídas, nossas matas estavam virando desertos sem vida. Nossas águas claras e límpidas agora se tornavam turvas e traziam a morte para aqueles que a bebessem. Mesmo assim, poucos entendiam a verdadeira razão para os “Viemos em Paz” estarem ali.

Nosso terra aos poucos deixava de ser nossa. Todos os dias mais daqueles objetos, que chamavam de naves, chegavam e levavam partes do nosso planeta. Com o tempo muitos de nós acabaram servindo aos estrangeiros. Recebiam objetos brilhantes em troca de ajudarem a destruir nosso lar. Ficavam felizes e não entendiam o que realmente estava acontecendo. Nosso antigo chefe foi perseguido, acusado de várias coisas e aprisionado pelos alienígenas. A maioria do povo aplaudia. Um novo chefe foi colocado pelos “Viemos em Paz”, um chefe que concordava e aceitava fazer tudo que eles queriam. Um pequeno grupo, chefiado por mim, resolveu se esconder no pouco que restava de nossas matas e viver à parte, não aceitando o domínio dos estrangeiros. Eles tinham um nome para nós, nos chamavam de “comunistas”, não sabíamos o que isto significava, mas eles não gostavam de nós.

Quando nos encontravam, nos matavam. Contavam tantas mentiras para o nosso povo, que éramos perseguidos e até havia festa quando um de nós era capturado ou morto pelos “Viemos em Paz”. Apesar de sermos mais fortes, eles tinham a tecnologia e criavam objetos de morte, que chamavam de “armas”. Lutávamos como podíamos, mas não havia mais nada a fazer. Nosso povo, dividido e sem armas, era fácil de dominar. Os “comunistas” eram os bandidos e os que se submetiam eram os bons, assim ensinavam nossas crianças.

Esta manhã encontrei um de seus caçadores, fui ferido mortalmente, mas consegui fugir. Enquanto es-

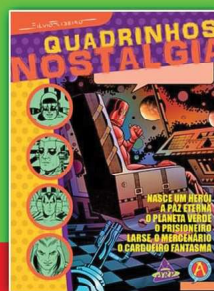
pero minha morte, faço este relato. Para mim e para meu povo não há mais esperança, porém se algum outro povo um dia encontrar estes escritos, tenham cuidado com os “Viemos em Paz”.



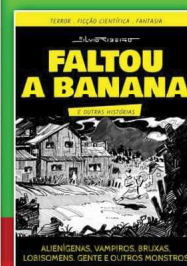
A MARVEL JÁ TEM EMPRESAS BILIONÁRIAS DIVULGANDO SUAS PRODUÇÕES, NÃO PRECISA DA SUA AJUDA.

EU, AO CONTRÁRIO, ASSIM COMO TANTOS OUTROS QUE NÃO SÃO VALORIZADOS POR SEREM BRASILEIROS, TENHO QUE MATAR UM LEÃO POR DIA PARA PODER CONTINUAR E NÃO TENHO APOIO.

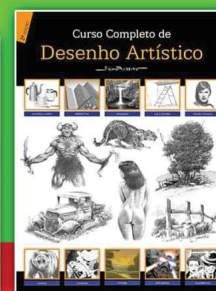
ssemr@yahoo.com.br / whats: (51) 99860.8782



R\$ 42 já incluído o custo de envio



R\$ 32 já incluído o custo de envio



R\$ 86 e mais R\$ 20 do envio

Bicentenário da Independência

ARTIGO: Retrofuturismo à Brasileira: A Autonomia do Steampunk Enquanto Gênero Literário

por **Caroline Libar**

Caroline Libar e Telma Maria Vieira (orientadora)

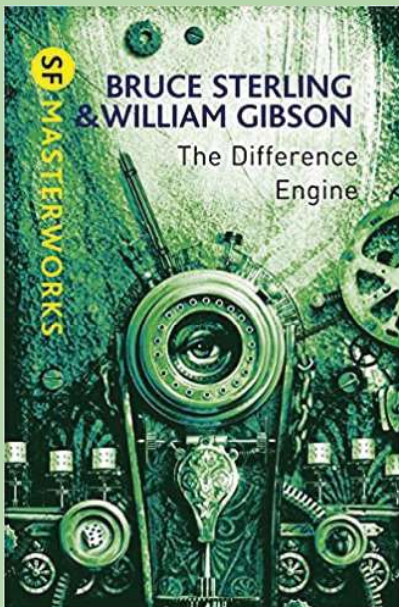


A escritora e tesoureira do CLFC, **Caroline C. Libar**, participando com amigos do cenário steampunk paulistano

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir a autonomia do Steampunk enquanto gênero literário em relação ao gênero que o originou, a ficção científica. Comparar aspectos internos e externos à narrativa de forma a evidenciar que particularidades garantem autonomia às obras steampunk, mostrando a fluidez e dinamicidade das histórias que compõem esse gênero.

Introdução



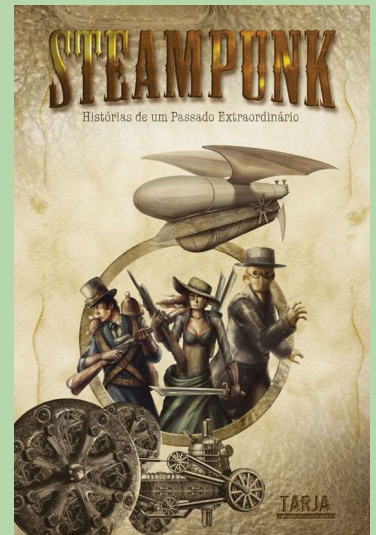
O objetivo deste artigo é analisar a obra Steampunk “A Flor do Estrume”, um dos contos da primeira coletânea brasileira dedicada ao gênero e, do ponto de vista de Bakhtin, verificar que aspectos legitimam o steampunk enquanto gênero e garantem autonomia e dinamicidade aos enunciados que se desenvolvem dentro dele.

Embora existissem narrativas retrofuturista desde 60 e 70, o steampunk ganhou nome oficialmente em 1987, quando um autor de ficção científica e fantasia, chamado K. W. Jeter enviou uma carta

em resposta à *Locus Magazine* para definir do que se tratavam as histórias escritas por ele e por seus amigos, dizendo que as fantasias vitorianas poderiam conter a tecnologia da época, chamando-a de steampunk, nome que virou sinônimo do gênero.

O livro “Steampunk – Histórias de um passado extraordinário”, marca a estreia literária oficial do gênero apenas por autores nacionais ao ser lançada em 2009, trazendo narrativas fantásticas sobre um futuro que poderia ter sido, revisitando o passado com o olhar crítico, humorado e até ácido do presente.

Neste artigo, por meio da análise de um dos contos, “A Flor do Estrume”, escrito por Antônio Luiz M. C. Costa, pretende-se defender, à luz da teoria de gêneros bakhtiniana, a dinamicidade e autonomia que o gênero steampunk possui em relação à ficção científica, sem desvinculá-lo do primeiro, mas quebrando com a noção de normatividade entre gêneros.

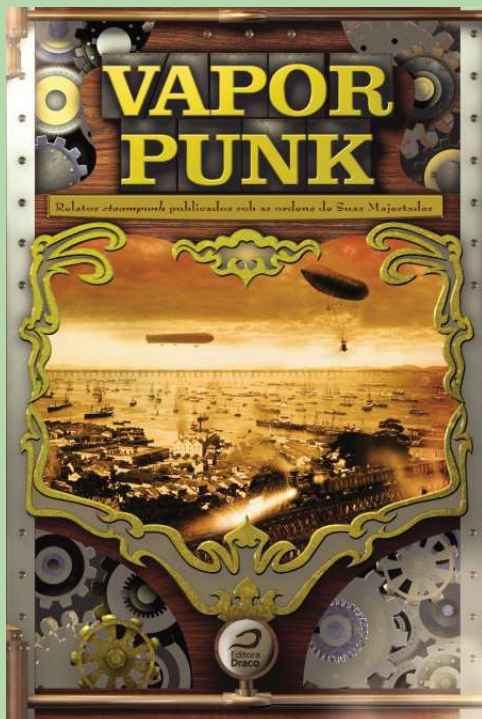


Gêneros textuais e gênero literário

Segundo Bakhtin (1997), todas as esferas de interação humana, independente de suas particularidades, possui em comum a utilização da língua. Embora essa utilização seja concebida de forma individual e variada de acordo com a esfera em que ocorre, não compromete a unidade nacional de uma língua. A utilização da linguagem nesses diversos âmbitos da atuação humana se dá em forma de enunciados – orais e escritos – concretos e únicos, praticados pelos seus integrantes. Os enunciados, por sua vez, refletem condições específicas e finalidades de cada uma dessas esferas.

O conteúdo (tema) e estilo (recursos da linguagem de aspectos lexicais, gramaticais e fraseológicos), unidos à forma composicional (estrutura de construção) são componentes fundamentais do enunciado, já que são marcados pela especificidade de cada esfera de comunicação. O enunciado analisado em si mesmo é individual e único daquele que o concebe, porém cada núcleo de interação e utilização da língua elabora formas de enunciados comuns ao seu meio, sendo o que Bakhtin chama de tipos relativamente estáveis de enunciados. É desses tipos que se apropria o estudo de gêneros do discurso.

A riqueza e a variedade dos gêneros do discurso se equiparam à variedade da atividade humana, que é criativa e inesgotável, dotando cada esfera de um repertório de gêneros que cresce e se



modifica conforme o nicho em que atua evolui e se torna mais complexo. Os gêneros do discurso são marcados pela heterogeneidade e, para facilitar a compreensão em seu estudo, Bakhtin os elenca em duas categorias: primários (gêneros simples concebidos no imediatismo, no cotidiano, de forma espontânea, informal e principalmente conectados à oralidade), e secundários (gêneros complexos concebidos em um contexto cultural

mais elaborado e evoluído, atrelados à formalidade e conectados predominantemente à escrita). Bakhtin aponta que os gêneros secundários absorveram e reproduziram aspectos dos gêneros primários de todas as espécies durante seu processo de formação. Esses, ao se tornarem componentes dos gêneros secundários, perderam seu aspecto natural, de espontaneidade e imediatismo, assumindo apenas simbolicamente sua característica original dentro do enunciado secundário.

Segundo Bakhtin:

A distinção entre gêneros primários e gêneros secundários tem grande importância teórica, sendo esta a razão pela qual a natureza do enunciado deve ser elucidada e definida por uma análise de ambos os gêneros. Só com esta condição a análise se adequaria à natureza complexa e sutil do enunciado e abrangeiria seus aspectos essenciais. Tomar como ponto de referência apenas os gêneros primários leva irremediavelmente a trivializá-los (a trivialização extrema representada pela linguística behaviorista). A inter-relação entre os gêneros primários e secundários de um lado, o processo histórico de formação dos gêneros secundários do outro, eis o que esclarece a natureza do enunciado (e, acima de tudo, o difícil problema da correlação entre língua, ideologias e visões do mundo). (BAKHTIN, 1997: 282-3)

A diversidade dos gêneros do discurso é tamanha que de imediato parece inconcebível a ideia de uma área dedicada a entender esse fenômeno. Na Grécia antiga, filósofos como Aristóteles e Platão se limitavam a estudar o fenômeno principalmente dos gêneros literários. Dividiam os gêneros em três categorias: narrativo ou épico, lírico e dramático, e a partir dessas três classificações básicas surgiam categorias secundárias, que eram consideradas como subgêneros. Mas esses e outros eram analisados, tanto na Antiguidade quanto na contemporaneidade, por uma ótica limitada e normativa, atentando mais à natureza verbal do enunciado do que aos seus princípios constitutivos como: a relação com o ouvinte e a influência deste sobre o enunciado, a conclusão verbal peculiar ao enunciado. Mas conforme defendida pela teoria bakhtiniana, a importância do gênero não se resume apenas a como o enunciado é composto (tema, estilo e estrutura),

mas também ao “porquê” do enunciado ser desenvolvido dessa ou daquela maneira, considerando o contexto de produção, a relação com o interlocutor e as motivações temporais, espaciais e sociais para o enunciado ser composto como é. Para Bakhtin:

Ignorar a natureza do enunciado e as particularidades de gênero que assinalam a variedade do discurso em qualquer área do estudo linguístico leva ao formalismo e à abstração, desvirtua a historicidade do estudo, enfraquece o vínculo existente entre a língua e a vida. A língua penetra na vida através dos enunciados concretos que a realizam, e é também através dos enunciados concretos que a vida penetra na língua. (BAKHTIN, 1997: 283)

Considerando as particularidades dos gêneros, Bakhtin reforça a importância dos aspectos que influenciam a produção do enunciado e as esferas em que se presentifica.

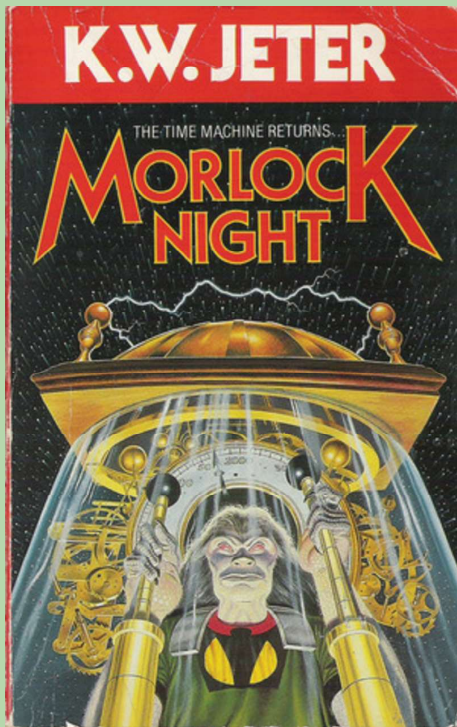
O enunciado oral ou escrito, primário ou secundário, é considerado individual independente da esfera de comunicação na qual ocorre, pois exprime a individualidade daquele que fala ou escreve. Essa individualidade estilística não ocorre igualmente entre os gêneros, sendo alguns mais propícios a terem traços individuais do que outros. Os gêneros literários, dada a sua diversidade e gama de possibilidades variadas de expressão, são um exemplo de gênero propício à ocorrência dessa individualidade. Mas mesmo dotado de individualidade, o enunciado obedece a certos aspectos temáticos e estruturais da esfera na qual é concebido. “O projeto discursivo do locutor adapta-se ao gênero escolhido, desenvolve-se sob a forma de um gênero dado” (FIORIN, 2011: 194-5). Nos gêneros literários, por exemplo, um autor que escreva contos de terror e romances policiais e possua certo estilo individual, seguirá, nessas composições distintas, uma série de aspectos que não se limitam apenas à forma composicional e temática, mas considerando os leitores e o meio em que pretende circular este ou aquele texto e obedecendo ao linguajar aceito em cada uma dessas narrativas e a recepção por seus interlocutores.

O gênero textual em aspecto abrangente se refere principalmente às formas composicionais mais do que temáticas ou estilísticas do texto, porém, como Bakhtin não considera apenas os aspectos concretos dos gêneros, os gêneros textuais no âmbito literário também se referem ao repertório do qual o texto se alimenta, estilo que assume e esfera em que circula.

Compreendem-se então como gêneros textuais os tipos de enunciados desenvolvidos em esferas de atividade humana, em forma oral ou escrita, e como gêneros literários os textos desenvolvidos com intenção artístico-literária em suas diversas manifestações. Enquanto gêneros textuais no âmbito literário há: o conto, o romance, a novela, a noveleta, a poesia, a crônica, a fábula e a lenda, por exemplo. As categorias que se referem diretamente ao conteúdo temático, tais como: terror, suspense, aventura, ficção científica, fantasia, mistério e drama, por exemplo, são caracterizadas como gêneros literários. Não há normatividade nesse conceito como havia na Grécia Antiga, pois os gêneros se fundem e evoluem criando novos gêneros, possuindo a disposição um repertório infindável de temáticas, formas e estilos que se adequam ao público, tempo e espaço ao qual se destinam.

Nasce o Steampunk

Embora várias obras consideradas precursoras do gênero tenham sido publicadas entre os anos 60 e 70, o termo que o define surge apenas no final da década de 80. Em carta à *Locus Magazine* como resposta a um review sobre sua obra, K. W. Jeter – para descrever textos com histórias alternativas e de tecno-



“gonzo-historical manner” first. Though of course, I did find her review in the March *Locus* to be quite flattering.

Personally, I think Victorian fantasies are going to be the next big thing, as long as we can come up with a fitting collective for Powers, Blaylock and myself. Something based on the appropriate technology of that era; like “steampunks,” perhaps...

--K.W. Jeter

[Thanks for the book! Capsule critique: *Morlock Night* combines H.G. Wells, Arthurian fantasy, and Victoriana in a strange, entertaining mixture -- less antic than *Infernal Devices*, perhaps, but a clear forerunner. “Steampunks”? I like it...

--F.C. Miller]

Jeter prevê em sua carta que essas fantasias vitorianas poderiam ser a próxima sensação, desde que ele, Blaylock e Powers chegassem a um consenso para definir sob que alcunha reunir essas obras, e a sugestão de que fossem chamadas de “steampunks” acabou, como Miller demonstra, ganhando adeptos e consolidando a palavra definitivamente como gênero. Jeter possui os seguintes romances do gênero publicados: *Morlock Night*, de 1979 (uma sequência para *The Time Machine*, de H. G. Wells), *Infernal Devices*, de 1987, e a sequência *Fiendish Schemes*, de 2013.

O gênero, sempre considerado como subgênero da ficção científica, trazia em suas histórias, inicialmente, contos cyberpunk ambientados no passado, com tecnologias retrofuturísticas incorporadas, mas mantendo as atitudes “punkistas” comuns dessas histórias em relação às figuras de autoridade e à natureza humana, e, tal como este, era tipicamente distópico, trazendo temas noir e pulp fiction. À medida que foi se desenvolvendo, porém, o gênero veio a adotar um apelo mais utópico, com a mesma sensibilidade dos romances de ficção científica do século XIX e um ar de fantasia que predomina até hoje.

Ao contrário do que prega o senso comum, autores como Júlio Verne, Mary Shelley, H.G. Wells, Mark Twain, H. P. Lovecraft, Edgar Allan Poe, entre outros, não são steampunk, e sim

logias retrofuturísticas que ele e seus amigos Blaylock e Powers criaram, e outros livros que possuísem premissas semelhantes – cunha o termo que originaria obras e discussões em terrenos alheios à literatura: steampunk.

Dear *Locus*:

Enclosed is a copy of my 1979 novel *Morlock Night*; I'd appreciate your being so good as to route it to Faren Miller, as it's a prime piece of evidence in the great debate as to who in “the Powers/Blaylock/Jeter fantasy triumvirate” was writing in the

pioneiros na criação de obras de ficção científica. No entanto, por conta dos cenários apresentados e tecnologias imaginadas, servem até hoje de inspiração para que autores contemporâneos criem suas próprias obras. A diferença entre ficção científica e o gênero do vapor, aliás, se dá pelo aspecto primário de cada uma: enquanto a ficção científica sempre utilizou de um tom mais objetivo, científico e de caráter quase premonitório, o outro trata não apenas de especular o passado sob o viés da contemporaneidade, mas também criticar política e socialmente passado e presente, às vezes de forma romântica ou irônica.

Um dos romances steampunk mais famoso do qual se tem conhecimento foi escrito por Bruce Sterling e William Gibson, chamado *The Difference Engine*, que trata da invenção de Charles Babbage.

Se inicialmente Jeter nomeava como steampunk apenas as fantasias vitorianas, outros autores não tardariam a contribuir com resgates sócio-históricos e tecnológicos de suas próprias culturas para enriquecer e incrementar o gênero.

Embora recente, o steampunk também serviu de influência para a literatura nacional, trazendo ao final dos anos 2000 a primeira coletânea totalmente brasileira de contos de diversos autores, no livro *Steampunk – Histórias de um passado Extraordinário* organizado por Gianpaolo Celli (2009), seguido pela coletânea de noveletas brasileiras e lusófonas *Vaporpunk – Relatos Steampunk Publicados Sob As Ordens de Suas Majestades*, organizada por Gerson Lodi-Ribeiro e Luis Filipe Silva (2010). Não tardou o surgimento de romance estreante do gênero, escrito pelo autor José Roberto Vieira, intitulado *O Baronato de Shoah – A Canção do Silêncio* (2011) e *O Baronato de Shoah – A Máquina do Mundo* (2014). Outras editoras também investiram no gênero e novas obras estrearam, como a coletânea de contos organizadas por Tatiana Ruiz, *Erótica Steampunk – Por Trás da Cortina de Vapor* (2013), *Steampunk* (2011), e *Deus Ex Machina – Anjos e Demônios na Era do Vapor* (2011) que conta com a organização de Cândido Ruiz, M. D. Amado, além da própria Tatiana Ruiz, e novas coletâneas de noveletas, como a *Retrofuturismo – Um Compêndio do Comendador Romeu Martins Sobre As Variantes do Punk* (2013) que traz uma noveleta de cada gênero retrofuturista. O acervo nacional desse tipo de literatura continua crescendo, e conta com as recentes aquisições, como o romance de estreia de Enéias Tavares, *Brasiliana Steampunk: A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison* (2014) obra que relê personagens de clássicos nacionais inseridos em uma aventura retrofuturista, o segundo volume de *Vaporpunk – novos documentos de uma pitoresca época steampunk* (2014), organizada por Romeu Martins e Fábio Fernandes (2014) com a mesma proposta do primeiro volume e novos autores, e *Homens e Monstros – A Guerra Fria Vitoriana* (2013), romance de Flávio Medeiros Jr.. Outras mídias também se apropriam, lá fora e em território nacional, desse gênero, dentre eles: os quadrinhos, os videogames, os RPG's, a música, o cinema, a moda, as artes plásticas, a decoração e as animações, por exemplo.

Se nas décadas anteriores o gênero alcançou pessoas em todas as mídias, na atualidade vem se consolidando também como forma de manifestação cultural e pessoal em todo o mundo, nas diversas esferas de atividade humana, e com força triplicada. Fluindo da literatura até outras formas de arte e expressão pessoal, o steampunk promove resgates estéticos, tecnológicos e comportamentais de valores das épocas das quais o gênero se alimenta, da Era Eduardiana, Vitoriana, Bela Época, Velho Oeste, Brasil Imperial, até a contemporaneidade vista de outro

ângulo, como se o mundo tivesse evoluído à base da mecânica, tecnologia a vapor e a eletricidade de Tesla.

Um gênero, muitas possibilidades.

A primeira obra que oficializa o gênero enquanto produção nacional conta apenas com autores brasileiros. Iniciativa da extinta editora de literatura fantástica brasileira, Tarja Editorial, a obra traz nove contos de temática retrofuturista, ambientadas e influenciadas pela cultura dos autores envolvidos no projeto. Publicado pela primeira vez em 2009, o livro *Steampunk – Histórias de um Passado Extraordinário* é um divisor de águas, já que solidifica o movimento em âmbito nacional, trazendo temáticas pertinentes à nossa cultura. Contendo desde personagens originais até releituras de figuras históricas reais e literárias principalmente do Brasil, as histórias mostram discussões que transcendem a estética e discursos tecnológicos próprios de narrativas de ficção científica. O steampunk defendido enquanto subgênero da ficção científica torna-se mero detalhe temático, e tal definição é normativista e restrita demais ao comparar este e aquele tipo de produção.

Parte da coletânea, a obra “A Flor do Estrume”, de autoria de Antônio Luiz M. C. Costa é narrada do ponto de vista de Brás Cubas, e conta a chegada desse e seu amigo e colega Quincas Borba à Universidade de Piratininga. Eles são recebidos na estação ferroviária Imperatriz Leopoldina pelo diretor do Instituto Butantã e conduzidos em um coche sem cavalos denominado moãmirim, que tem a potência de doze cavalos, até a universidade onde o resto da equipe do diretor Caiuby os aguarda. Por toda a viagem o narrador-protagonista sente medo da máquina sacolejante e, embora seu relógio de bolso tenha marcado pouco tempo de trajeto, para ele pareceu uma infinidade. Não deixa de notar as paisagens que acercam o local, onde natureza e progresso coexistem harmoniosamente. Logo que desembarcam da máquina, são recebidos pela equipe, composta em maioria por indígenas, mas também por brancos e negros. Feitas as apresentações e boas-vindas, Brás e Quincas são conduzidos pelo diretor indígena até os fossos onde são armazenadas as serpentes diversas cujos venenos são extraídos para a criação dos soros antiofídicos e o narrador não deixa de pensar, com humor, em seu rival Lobo Neves entre elas, acabando por rir consigo mesmo. Não se demoram na excursão e logo são convidados a um abundante banquete de comidas típicas e saborosas, e servidos em belas taças de cristal com vinho português, enquanto os nativos tomam cauí em cuias e conversam amenidades, em português e língua-geral. Brás Cubas não ousa tocar em assuntos profissionais, pois sabe que é imperdoável aos indígenas misturar negócios e prazer. Em seguida, reconhece a hospitalidade tupiniquim mais uma vez ao ser conduzido ao quarto por uma jovem de nome Eirahy, que o ajuda a se instalar e também se deita com ele. Conforme rememora, enaltece as belezas da mulher e lamenta ter de ser infiel à sua esposa, mas não pretende fazer desfeita à bela índia. Enquanto se descobrem, é surpreendido pela mulher, que envolve seu membro com uma confortável película transparente, diferente em aspecto, mas de função igual às grosseiras tunicas-de-afrodite que utilizara em companhia de moças da vida com quem já se deitara. No dia seguinte, ele e Quincas são conduzidos pelo instituto até o que motivou a viagem, e no caminho eles se deparam com assustadoras criaturas de metal que soltam fogo, silvo e chiados assustadores, que servem de guarnição ao local. Brás não deixa de pensar em quão diabólicas elas são

quando o diretor conta que foram projetadas pelos responsáveis por criar o moãmirim. Mesmo depois de silenciado o sistema de segurança, Brás e seu companheiro se movem receosos entre as máquinas para seguirem Caiuby, que se desculpa e diz que as medidas foram necessárias. Seguem juntos até um vestibulo, onde encontram Chel, uma mulher bela e madura descendente dos maias, esposa do diretor e também doutora responsável por dois terços daquela e de outras descobertas que a dupla foi conhecer. Trocam seus casacos por aventais e colocam máscaras para adentrarem o laboratório, que exalava um odor desagradável como de mofo. Passeando por entre as inúmeras prateleiras bem organizadas, não pôde deixar de notar as jovens que analisavam os recipientes semelhantes a comadres hospitalares com tampa e tomarem anotações sobre seus conteúdos, sendo supervisionadas por um homem de olhar severo. Antes de dar qualquer explicação, o diretor puxou um daqueles recipientes e mostrou seu conteúdo aos presentes, uma pasta negra e viscosa recoberta de uma espessa camada de bolor azul-esverdeado que cheirava mal e parecia asqueroso. Ao afirmar que poderia estar estragado, Brás é calmamente corrigido pelo anfitrião, que afirma que, como do estrume nascem lindas e perfumadas flores, também dali havia um elixir para a saúde que valia duzentas vezes mais do que seu peso em ouro. Surpreendidos, os dois visitantes calaram-se e a doutora Chel se aproxima com um vidro em mãos, afirmando que depois de quinze anos de pesquisa, ela, o marido e a equipe de cinco naturalistas e dez assistentes conseguiram produzir um germicida potentíssimo chamado crisogenina, criado à base do fungo *Penicillium chrysogenum*. Mostra o pó branco dentro do vidro e afirma que é resultado de um ano de produção, o suficiente para salvar sessenta pacientes da maioria dos males causados por bactérias, de pneumonia à sífilis. Quincas mostra entusiasmo ao ouvir isso, enquanto o diretor confirma o sucesso do remédio. Mais tarde, conversam em uma sala de reuniões, dentre outras coisas, sobre a grave pneumonia de Cubas, e o tempo que demorou a ser curado, e o quanto teria durado trata-lo se o remédio milagroso já existisse. Brás mostra entusiasmo e oferece seus serviços no setor farmacêutico, citando seu emplastro e acaba corando ao lembrarem do comentário polêmico que o artigo no *Zodiaco Médico-Brasílico* fez ridicularizando o emplastro de Brás Cubas. Querendo mudar de assunto, ele questiona sobre quais seriam os custos de produção em escala industrial do remédio e outro naturalista, chamado Samaji, se adianta, dizendo que o custaria trinta cruzeiros o escrópulo, e que o projeto poderia se concretizar em seis meses com um investimento de 150 contos. Brás se desanima dando detalhes de sua situação financeira, mas é tranquilizado pelo homem, que cita vários grupos dispostos a patrocinarem a empreitada, desde que Brás tome frente à presidência da empreitada e ceda seu nome à firma, além de ser porta-voz junto à imprensa e ao governo. Prontificam-se a cuidar de todo o resto e ainda informam que ele terá rendimentos significativos. Citam que, além da crisogenina, os preservativos de látex demonstrado por Eirahy, a pílula contraceptiva da doutora Chel e a poção contraceptiva de Samanji também podem alavancar o negócio. Maravilhado, mas ainda duvidoso de como reconheceram seu valor, Brás pergunta porque o escolheram, e o doutor Suleimane responde que somente um lusitano bem relacionado com a aristocracia e editor de um jornal tão influente como *O Monitor do Humanitismo* poderia enfraquecer os argumentos que impediam o progresso, além de ter acesso ao vice-rei no Rio de Janeiro e ao Rei em Brasília. Suleimane reforça que apesar de esclarecidos, Pedro II

e o Marquês de Pombal também são políticos e poderiam adiar ou mesmo negar licenças para que o empreendimento se concretizasse caso a oposição dos tradicionalistas religiosos e dos preconceituosos fosse forte o bastante. Chel completou dizendo que poderiam prometer que a crisogenina salvaria milhões de vidas do Império por todo o globo, e Samanji enfatizou que investindo em melhorias, em pouco tempo o remédio seria acessível para todos. Com o alto custo, as pessoas de recursos que sofrem de sífilis seriam o público seletor para iniciar a empreitada e caberia a Brás torná-las simpáticas do remédio, dada sua influência sobre a opinião pública e a família imperial. Convencido enfim, ele aceitou a proposta. No dia seguinte foi surpreendido por um brado feminino informando que o remédio havia sido roubado. Pensando em tudo que poderia perder agora que já estava familiarizado com a ideia dos ganhos, não se demorou em tentar impedir o punhuista, que ninguém além era do que Bernadino, um dos naturalistas envolvidos no projeto. Agitado, Brás pede ao índio que conduzira a moãmirim em sua chegada que a buscasse para tentarem impedir a fuga. Com efeito, conseguem interceptá-lo, causando um acidente que culmina na morte do naturalista e uma feia fratura em Brás Cubas. Quando ele desperta num leito, informam que recuperaram o remédio intacto e até utilizaram nele, e em seis meses ele se recupera de vez retirando o gesso. Ele e Quincas tornaram-se fervorosos apóstolos da crisogenina, criando editoriais inspirados em favor do remédio. Inicialmente, sua esposa ficou escandalizada, mas ao saber dos ganhos financeiros não fez mais objeções, nem aos preservativos, nem ao contraceptivo da doutora Chel, achando até graça do poemeto que o marido criou para vender a poção – de baixo custo – desenvolvida pelo doutor Samaji. As Indústrias Brás Cubas ganharam notoriedade e se tornaram potência farmacêutica no Império, centuplicando a fortuna de Cubas, além de ter lhe valido um título de Marquês de Gamboa concedido pela sua Majestade Imperial, com direito a brasão de armas e tudo, onde colocou as cubas de crisogenina e o lema: *Flos ex stercus*. A narrativa encerra-se com um gracejo enquanto se chateia por ter ficado um pouco coxo: “Por que marquês, se coxo? Por que coxo, se marquês?”.

A obra escolhida embasa a defesa de que o steampunk funciona melhor de forma autônoma em sua dinâmica do que relegado ao secundarismo de sua predecessora, a ficção científica. Steampunk e ficção científica são gêneros distintos, mas não de forma normativa, que os separe em categorias antagônicas. Pelo contrário, graças à visão romântica da ficção científica do século XIX, autores até hoje se inspiram e criam universos plausíveis, ainda que improváveis, em suas narrativas steampunk. Porém, como Bakhtin (1997) aponta, mesmo os gêneros sofrem influências temporais, sociais, históricas e até políticas da esfera a que se destina, e isso se reflete na forma como o enunciado se concretiza. É Fiorin quem aponta marcas dessas mudanças dentro de um mesmo gênero comparando textos antigos e atuais, e, como Bakhtin (1997) salienta, é capaz de se mesclar a outros existentes criando assim um novo gênero. A seguir, um exemplo extraído de “A Flor do Estrume”:

[...] “Ao final da tarde não nos faltou outro aspecto da hospitalidade tupiniquim pela qual eu não ousara indagar. Duas jovens cunhãs se ofereceram para nos mostrar nossos quartos e nos fazer companhia. Vivaz, terna e falante, de brilhantes olhos negros, seios empinados, um mimoso rosto pintado de urucum, cabelos mui pretos pelas espáduas e vergonhas tão altas e tão sa-

radinhas quanto as gabadas pelo Caminha. Não havia como lhe fazer desfeita, por mais que quisesse ser fiel à minha Nhã-loló.” [...]

O steampunk é resultado também de uma mescla de gêneros e estilos que compõem outros gêneros literários e estilísticos e, por conseguinte, se consolida de forma dinâmica e autêntica.

Não apenas os aspectos sintéticos da narrativa determinam o que é ficção científica e o que é steampunk, mas de qual repertório cada um se alimenta. Enquanto a ficção científica discorre sobre a interdependência entre homem e máquina em narrativas futuristas, ou mesmo prevê avanços tecnológicos de forma deturpada ou utópica, o steampunk satiriza e romantiza sobre o passado que poderia ter sido fatalista ou maravilhoso dependendo da visão adotada na história. Enquanto um permite-se especular sobre o porvir, seja levando em consideração a realidade atual da sociedade ou o capitalismo ou ainda os avanços de nossa era, fazendo o plausível parecer improvável, o steampunk permite fazer do improvável, plausível, fantasiando sobre uma sociedade que não tivemos, costumes e tradições que abandonamos e tecnologias que faliram antes mesmo de extrapolar um décimo do que as narrativas propõem. Um se permite sonhar – e ter pesadelos –, enquanto o outro, bem desperto e ciente das contradições sociais que o mundo vive, reconta o passado por um viés imaginativo permeado de figuras reais e fictícias relevantes na construção da história e da cultura, e como eles imaginariam a contemporaneidade pelas lentes da sociedade atual.

As narrativas steampunk em maioria possuem o um estilo de linguajar antiquado, do vernáculo culto em narrativa, e variando entre culto e vulgar antigos em diálogos, mas de uma visão mais crítica da realidade de dentro e fora da história que as suas fontes de inspiração muitas vezes não possuem, ou possuem de forma limitada, relegadas ao contexto de sua própria época.

“A Flor do Estrume” não apenas promove uma viagem ao passado para o leitor, mas de forma bem ousada e humorada, o traz de volta ao discutir assuntos que ainda dividem opiniões na atualidade, como os escândalos de uma alta sociedade, doenças venéreas e métodos contraceptivos. O narrador satiriza o fato da mesma alta sociedade que poderia se posicionar contra o milagroso remédio apresentado na história dependeria dele, deixando subentendido que possuem condutas questionáveis, pois se deitam com moças de índole e saúde duvidosas fora do casamento. Quincas Borba mesmo exemplifica esse pensamento ao demonstrar alegria ao ouvir dos especialistas que a crisogenina pode curar a sífilis, e posteriormente recobra sua saúde e com ela sua eloquência, que usa para defender a droga que o curou. Diferente de uma narrativa de ficção científica, que especula com mais seriedade assuntos diversos, o steampunk dá espaço para o humor, a acidez e a manifestação individual do autor, podendo assumir um ar espirituoso e malicioso, e não faz apenas da tecnologia a protagonista – essa surge como consequência de uma era de deslumbramentos, normalmente ridicularizando e criticando a postura das pessoas ante o seu uso –, mas toda uma realidade histórica do passado revisitada de forma criativa e conscientemente crítica. Mesmo tratando de ciência naturalista e medicina, a história se importa mais em apontar as visões individuais e grupais da época sobre o progresso e o impacto que “o novo” tem na vida das pessoas gerando inquietações e receios, seja na aceitação de condutas ou novidades científicas, no campo da tecnologia, da medicina ou mesmo na sociedade. Enquanto o steampunk não se limita somente à ciência, flertando também



com a fantasia, o horror e o realismo, a ficção científica se afasta dessa área de forma a soar o mais verossímil possível, embora exageros possam relegá-la ao improvável. De fácil compreensão por não abusar dos tecnicismos, a fluidez das narrativas steampunk emprestam ao gênero uma dinamicidade que faz valer sua autonomia estética, crítica, social e tecnológica.

De fato, a dinamicidade do gênero steampunk é tamanha que ele próprio gerou subgêneros de cunho retrofuturista, tendo maior familiaridade temática com o cyberpunk e subgêneros do que com a ficção científica pura. Textos como Frankenstein ou o Moderno Prometeu, de Mary Shelley, as narrativas de Júlio Verne e o horror lovecraftiano inspiram narrativas ambientadas em universos regados a vapor, e esse diálogo com o inconcebível torna-se plausível e natural ao gênero como jamais seria possível com a mesma propriedade em outro qualquer.

Considerações Finais

Como buscamos mostrar na análise, o steampunk possui autonomia e dinamicidade em suas composições literárias em relação à ficção científica, não por antagonizar com esta ou se afastar enquanto gênero gerado por aquela, mas por possuir elementos internos e externos ao enunciado que caracterizam as obras como diferentes, em público e conteúdo. Percebeu-se que, embora possuam em comum diversos aspectos, o gênero do vapor está mais próximo da ficção científica romântica do século XIX do que das produções contemporâneas. Enquanto na ficção científica o debate no campo sócio-histórico e científico é abordado de forma a parecer factível e explicável, mesmo que impossível no contexto atual, buscando convencer seu público de que aquilo poderia ser real e valendo-se de explicações científicas ou pelo menos racionais, no steampunk as narrativas seguem por um caminho diferente, em que situa os leitores temporal e socialmente, não tentando convencê-los de que poderia ser real com os recursos certos, mas criando histórias e realidades alternativas, sem necessariamente seguir a regra dos argumentos científicos ou racionais para garantir credibilidade e verossimilhança às suas narrativas.

Referências Bibliográficas

BAKHTIN, Mikhail Mikhailovich. Os Gêneros do Discurso. In: Estética da criação verbal. — 2ª ed. — São Paulo: Martins Fontes, 1997.

COSTA, Antônio Luiz M. C. A Flor do Estrume, pp. 37-48.

In: CELLI, Gianpaolo (Org.). Steampunk – Histórias de um Passado Extraordinário. — 2ª ed. — São Paulo: Tarja Editorial, 2010.

FIORIN, José Luiz. Os Gêneros do Discurso. In: Introdução ao pensamento de Bakhtin. São Paulo: Ática, 2011.

MARTINS, Romeu. Cidade Phantástica. Disponível em: <<http://cidadephantastica.blogspot.com.br/>> Acesso em 24 de março de 2015.

VANDEERMER, Jeff; CHAMBERS, S.J. The Steampunk Bible: An Illustrated Guide to the World of Imaginary Airships, Corsets and Goggles, Mad Scientists, and Strange Literature. Nova York: Abrams Image, 2011.

Obras Citadas

AMADO, M.D.; RUIZ, Tatiana; RUIZ, Cândido (Orgs.). Deus Ex Machina – Anjos e Demônios na Era do Vapor. — 1ª ed. — Belo Horizonte: Estronho, 2011.

CELLI, Gianpaolo (Org.). Steampunk – Histórias de um Passado Extraordinário. — 1ª ed. — São Paulo: Tarja Editorial, 2009.

LODI-RIBEIRO, Gerson; SILVA, Luis Filipe. Vaporpunk – Relatos Steampunk Publicados Sob As Ordens de Suas Majestades. São Paulo: Draco, 2010.

MARTINS, Romeu, FERNANDES, Fábio; (Orgs.). Vaporpunk - novos documentos de uma pitoresca época steampunk. São Paulo: Draco, 2014.

MARTINS, Romeu (Org.). Retrofuturismo - Um Compêndio do Comendador Romeu Martins Sobre As Variantes do Punk. São Paulo: Tarja Editorial, 2013.

RUIZ, Tatiana (Org.). Erótica Steampunk – Por Trás da Cortina de Vapor. — 1ª ed. — Rio de Janeiro: Ornitorrinco, 2013.

RUIZ, Tatiana (org.). Steampunk. Belo Horizonte: Estronho, 2011.

STERLING, Bruce; GIBSON, William. A Máquina Diferencial. São Paulo: Aleph, 2012.

TAVARES, Enéias. Brasileira Steampunk – A Lição de Anatomia do Temível Dr. Louison. Rio de Janeiro: Selo Fantasy – Casa da Palavra, 2014.

VIEIRA, José Roberto. O Baronato de Shoah – A Canção do Silêncio. São Paulo: Draco, 2011.

VIEIRA, José Roberto. O Baronato de Shoah – A Máquina do Mundo. São Paulo: Draco, 2014.



Caroline Libar - Tesoureira do CLFC, é Graduada em Letras, revisora textual e consultora literária. Participante do movimento steampunk paulistano, é autora de contos publicados nas antologias Insanas, Moe-das para o Barqueiro vol. II e III. Organizou a antologia S.O.S. A Maldição do Titanic, com Tatiana Ruiz, e escreveu o romance steampunk Expresso d'Oriente: O Demônio de Olhos.

Prêmio Argos 2022: Finalistas

Com as devidas desculpas oferecidas por quaisquer estresse e mal-entendido gerados pelo que anteriormente publicamos, a Comissão Organizadora do Prêmio Argos 2022 apresenta a LISTA DOS FINALISTAS por categoria e ordem alfabética (artigos ignorados). Os vencedores serão anunciados em Janeiro, em data ainda a ser marcada.

Romance

Até que a Brisa da Manhã Necrose o seu Sistema, de Ricardo Celestino
Jack London e a Criatura de Salmon Pond, de Ana Lúcia Merege e Allana Dilene
Olhos de Pixel, de Lucas Mota
Pecados Terrestres, de Gerson Lodi-Ribeiro.

Coletânea ou Antologia

Colapso, org. por Ricardo Labuto Gondim
Farras Fantásticas, org. por Ian Fraser, Ricardo Santos e João Mendes
Não Existem Humanos Inteligentes, org. por Saulo Adami e Lu Evans
Outros Brasis da Ficção Científica, org. por Davenir Viganon

Conto

O Bará de Marte, de Davenir Viganon
O Evento, de Camile Queiroz
A Ópera dos Doces Horrores, de Diego Mendonça
Paralaxes, de Ricardo Labuto Gondim
Sobre a Fé de um Andante que teve a Cara mastigada, de Ricardo Celestino
O Tesouro no Fim da Escadaria, de Rodrigo Vinholo

